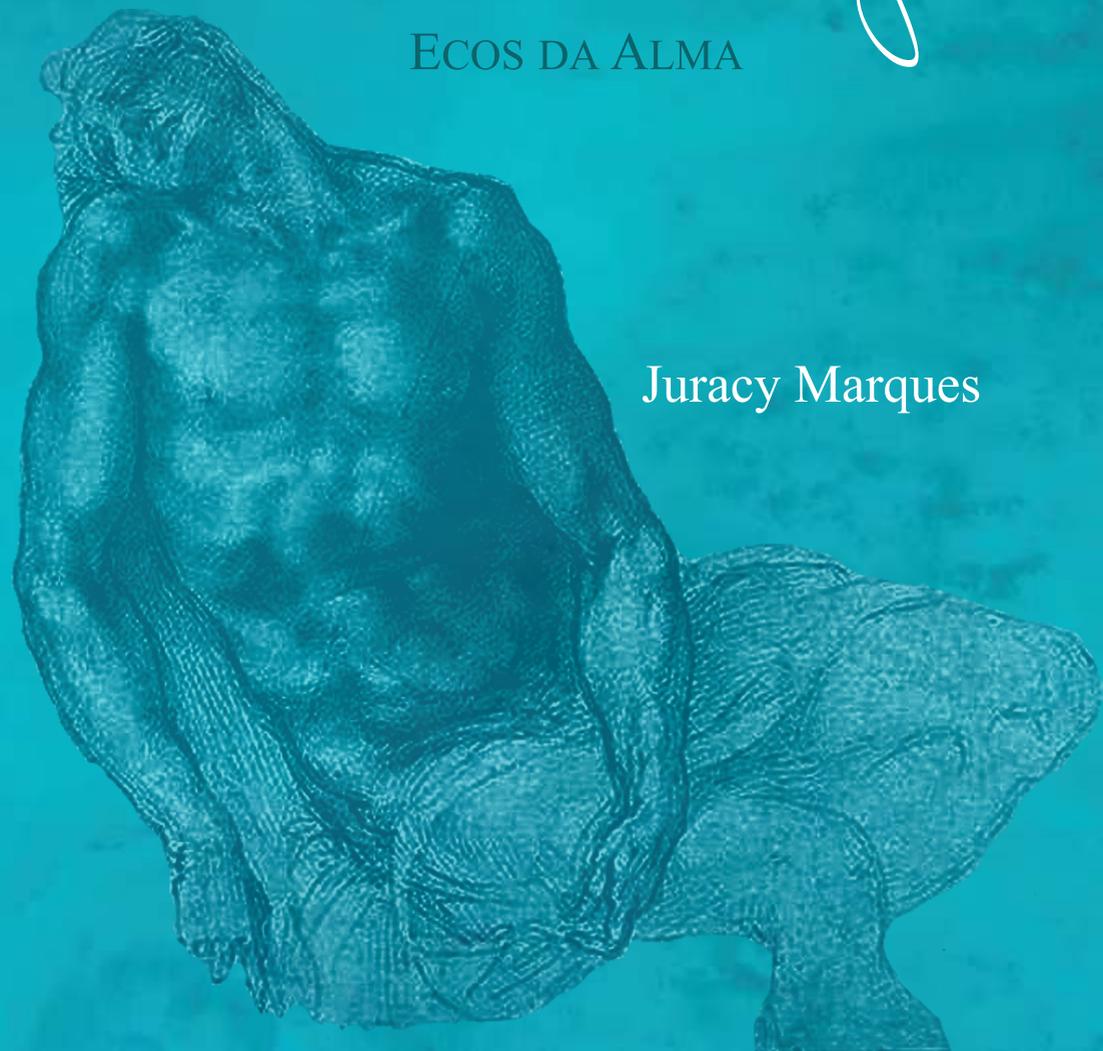


# Ecologia Da Carpa

ECOS DA ALMA

Juracy Marques





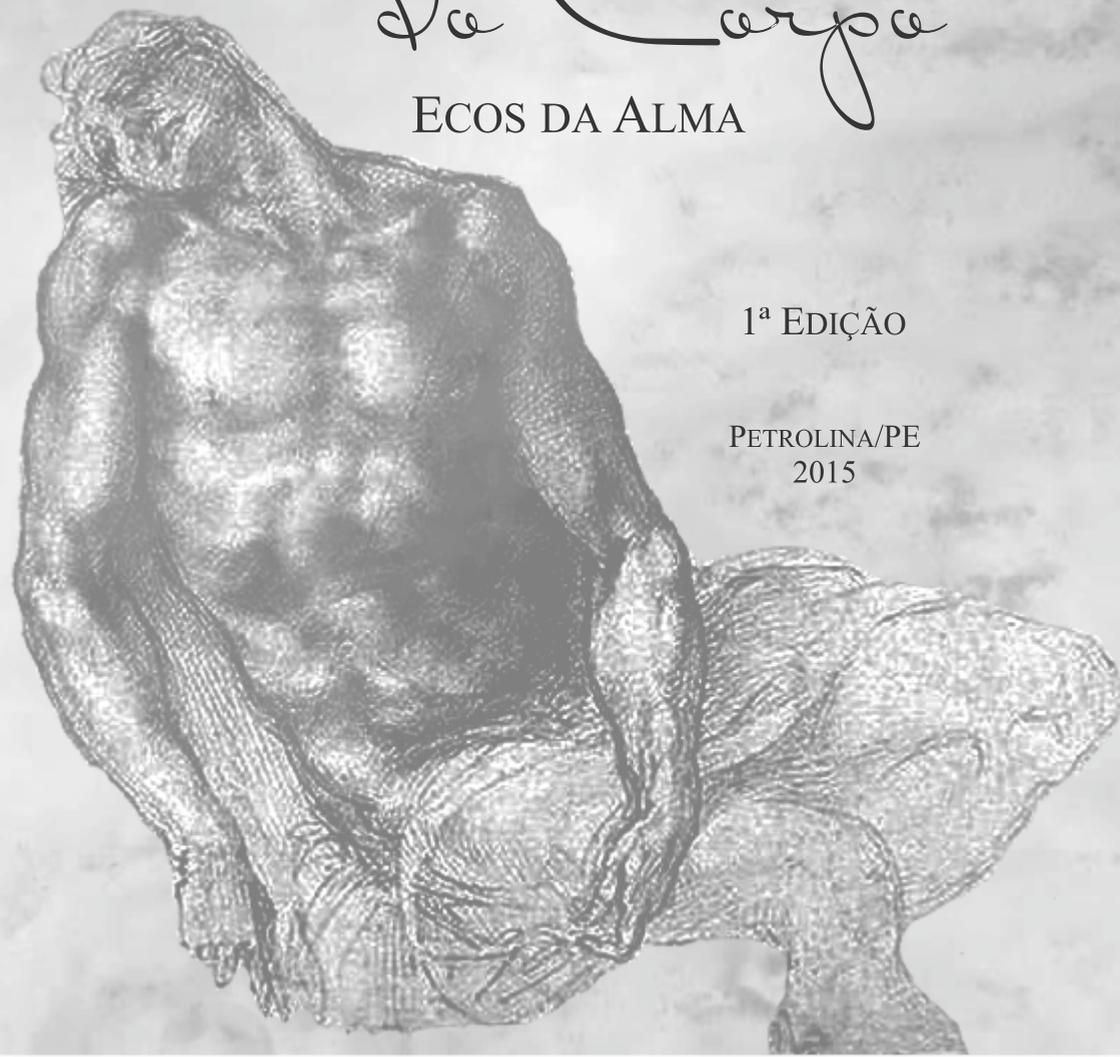
Juracy Marques  
AUTOR

Ecologia  
do Corpo

ECOS DA ALMA

1ª EDIÇÃO

PETROLINA/PE  
2015



## Juracy Marques

2015



Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH

<http://www.sabeh.com.br>

### CONSELHO EDITORIAL:

- Dr. Juracy Marques dos Santos – Brasil (UNEB)  
Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)  
Dr. Martín Boada Jucá – Espanha (UAB)  
Dra. Iva Miranda Pires (FCSH-Portugal)  
Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB)  
Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB)  
Dr. Jairton Fraga de Araújo (CAERDES/UNEB)  
Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH)  
Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH)  
Dr. Paulo Magalhães - Portugal (QUERCUS)  
Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB)  
Dra. Flávia de Barros Prado Moura (UFAL)  
Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC)  
Dr. Ronaldo Alvim (UFS)  
Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECOH)  
Dr. Feliciano de Mira (PPGECOH)  
Dr. Adibula Isau Badiu (Nigéria)  
Dra. Alpina Begossi (UNICAMP)

### REVISÃO:

Edilane Ferreira da Silva

### DIAGRAMAÇÃO/ARTE FINAL:

Ana Paula Arruda

### IMAGEM CAPA E CONTRA CAPA:

*Esboço da Pietá*, Museu do Louvre (Michelângelo - 1533)

*Esboço para Adão* (Michelângelo - 1510)

Livro didático, organizado para a disciplina Teorias da Ecologia Humana, do PPGECOH da UNEB.

*Para João, Pai do meu corpo.*

M357e

Marques, Juracy.

Ecologia do corpo: ecos da alma. / Juracy Marques. –  
Petrolina: SABEH, 2015.  
100p.: il.

Revisão: Edilane Ferreira da Silva. Diagramação/Arte  
final: Ana Paula Arruda  
ISBN: 978-85-5600-003-3

1. Ecologia Humana – Corpo. 2. Psicanálise. 3.  
Antropologia. 4. Biologia Evolutiva.

CDD 304.2

## POEMA PRESO

Viviane Mosè

*A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos.*

*Abscessos, tumores, nódulos, pedras...*

*São palavras calcificadas, poemas sem vazão.*

*Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado, prisão de ventre...*

*Poderiam um dia ter sido poema, mas não...*

*Pessoas adoecem da razão, de gostar de palavra presa.*

*Palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de lágrima.*

*Lágrima é dor derretida, dor endurecida é tumor.*

*Lágrima é raiva derretida, raiva endurecida é tumor.*

*Lágrima é alegria derretida, alegria endurecida é tumor.*

*Lágrima é pessoa derretida, pessoa endurecida é tumor.*

*Tempo endurecido é tumor; tempo derretido é poema.*

### ***E você pode arrancar os poemas endurecidos do seu corpo***

*Com buchas vegetais, óleos medicinais, com a ponta dos dedos, com as unhas.*

*Você pode arrancar poema com alicate de cutícula, com pente,*

*com uma agulha.*

*Você pode arrancar poema com pomada de basilicão,*

*com massagem, hidratação.*

*Mas não use bisturi quase nunca,*

*Em caso de poemas difíceis use a dança.*

*A dança é uma forma de amolecer os poemas endurecidos do corpo.*

*Uma forma de soltá-los das dobras, dos dedos dos pés, das unhas.*

*São os poemas-corte, os poemas-peito, os poemas-olhos,*

*Os poemas-sexo, os poemas-cílio...*

*Atualmente, ando gostando dos pensamentos-chão.*

*Pensamento-chão é grama e nasce do pé,*

*É poema de pé no chão,*

*É poema de gente normal, de gente simples,*

*Gente de Espírito Santo.*

*Eu venho de Espírito Santo.*

*Eu sou do Espírito Santo, eu trago a Vitória do Espírito Santo.*

*Santo é um espírito capaz de operar o milagre sobre si mesmo.*

*O corpo é o inconsciente  
visível.*

Wilhelm Reich

*O corpo é nossa memória  
mais arcaica.*

Jean-Yves Leloup

# SUMÁRIO

PREFÁCIO (ARTHUR LIMA).....	09
APRESENTAÇÃO.....	29
O CORPO DA ECOLOGIA.....	37
NASCEMOS DESPEDAÇADOS .....	43
A ECOLOGIA DO CORPO.....	69
UM CORPO DENTRO E FORA DE SI.....	76
O CORPO E A VIDA.....	79
CORPO E ALMA.....	83
O MESMO CORPO.....	85
TATUAGENS DO CORPO.....	87
ALMA E LAMA.....	90
A BORBOLETA DE EINSTEIN.....	93
BIBLIOGRAFIA.....	97
POSFÁCIO (EDILANE FERREIRA).....	105



## PREFÁCIO

O homem é o seu próprio livro de estudos. Basta ir virando as páginas, até encontrar o autor.

Jean Yves-Leloup

### ANTES, UMA HISTÓRIA...

Antes de adentrar ao livro propriamente dito, peço aos leitores a gentileza de uma pausa para contar-lhes algumas histórias sobre as almas que vos escrevem, além de um pouco de paciência com o meu talento para ser prolixo.

### SAINDO DO CORPO E ENTRANDO NA ALMA...

Quando recebi o convite para prefaciar este livro, dois sentimentos muito fortes me assaltaram. Felicidade e receio. Tentarei explicar os dois. Ou, pelo menos, a minha percepção sobre eles. Primeiro a felicidade.

Conheci Juracy Marques enquanto professor responsável pela disciplina Didática das Ciências. Eu, ainda estudante do curso de ciências biológicas na UNEB-CAMPUS VIII, em Paulo Afonso/BA, no ano de 2003, se não me engano, tinha 21 anos a esta altura. Uma das passagens que mais lhe chamou a atenção – e isso ele já relatou inúmeras vezes – foi a de um menino que lia obras de

psicanálise, Jung... O menino era este que vos escreve e que, à época, estava lendo – e aqui a memória não me abandonou – “Nunca lhe prometi um Jardim de Rosas” (da autora norte-americana Hannah Green, que trata do cotidiano de uma jovem psicótica) e “O apanhador no Campo de Centeios” (do escritor norte-americano J. D. Salinger, que trata das realidades e estruturas inconstantes e conflituosas que assombam o período da adolescência).

A forma como este professor dissertava sobre psicanálise freudiana e Mitologia Grega, tão cara à construção teórica e conceitual da obra de Freud, ao ministrar uma aula de Didática das Ciências para uma turma do curso de Biologia caiu-me como um presente, pois desde há muito me interessava por conhecer sobre gentes e não me encantava o universo dos laboratórios que tanto permeiam o imaginário dos estudantes das chamadas ciências da vida. Com o passar do tempo, Juracy Marques tornou-se um mestre, por assim dizer, pois tivemos a oportunidade de desenvolver um Projeto de Iniciação Científica durante a graduação que acabou por originar o Trabalho de Conclusão de Curso que me habilitou ao título de graduação<sup>1</sup>. Iniciava-se aí uma série de parcerias e trabalhos profissionais e intelectuais que vêm se desenvolvendo ao longo de mais de uma década dos quais, tenho certeza, este não será o último. Por fim, acabamos por gerar e nutrir uma amizade da qual me orgulho em ser um co-cultivador ao longo de 12 anos. Após todo esse tempo, continuo a aprender com o mesmo encanto que havia naquele jovem de 21 anos, admirado com a capacidade crítica que seu professor infectava alguns de seus alunos, nos presenteando todas as tardes ao falar sobre coisas que, na maioria das vezes, não eram

---

<sup>1</sup> Ecologia Humana de Homens e Mulheres do Semiárido: As pessoas e os seus vínculos com as cidades alagadas do submédio São Francisco, defendida em 12.2005, em Paulo Afonso/BA.

transparentes aos olhos da maioria – como ocorre até hoje. Mas, mais do que antes, hoje o significo como um irmão de alma, um fratelli – já que o rio e o semblante simbólico de São Francisco de Assis contorna nossas histórias onde quer que estejamos.

Lembro-me vivamente de um episódio onde, ao indagá-lo sobre sua naturalidade, me respondeu: *Eu sou de Jaguarari, mas a minha casa é sempre onde o meu coração está. Sou um cidadão planetário.* Aquilo ecoou em minha alma como se despertasse em mim um saber já vivido ou que, de alguma maneira, eu carregava comigo, mas sem o saber. Muito tempo depois fui descobrir que São Francisco de Assis, padroeiro do município de Paulo Afonso, de onde sou natural e onde nos conhecemos, também foi um cidadão planetário, ainda que tenha vivido a maior parte da sua vida na Porciúncula, em Assis, na Itália. Seu amor pela natureza e por todas as formas de manifestação da Vida ultrapassaram qualquer barreira física e, por isso, ecoam até os dias de hoje. Eis os motivos da felicidade que senti ao receber o convite para prefaciar este livro.

## O QUE DIZER DEPOIS DE TUDO DITO?

Depois o receio. Para vos ser sincero, acho que não compreendi bem até o momento o motivo desse sentimento que acabei por identificar como receio. É muito possível que o tenha interpretado de maneira equivocada. Mas creio ser mais provável que o tenha percebido assim porque ainda, de alguma maneira, e hoje bem menos que há alguns anos atrás, grandes responsabilidades me paralisam. E prefaciar o livro de alguém a quem admiramos é mesmo um grande privilégio. Mas não é menos verdade que também seja uma grande responsabilidade.

Sendo assim, não ignoro o poder simbólico que carrega a figura de um Mestre, como já dito. Sim, um Mestre! Também, além de irmão e amigo. Não pelos títulos ou lembranças do tempo em que tudo não passava de uma simples relação acadêmica, mas pelos momentos em que a vida me proporcionou a oportunidade de tê-lo ao meu lado, compartilhando das minhas lágrimas, sorrisos, abraços, silêncios-gritos-de-socorro, angústias, teimosias, indolência, naufrágios, revoluções, renovações... Enfim, senescências e anteses, para usar suas metáforas, das minhas mais profundas e simples dimensões humanas.

Sempre aberto às minhas misérias e riquezas, tinha as palavras exatas, tão precisas e acuradas quanto uma flecha que alcança seu alvo, para me fazer pensar sobre minhas (in)certezas; com mil ouvidos, como bom psicanalista que é; e com a paciência e a tranquilidade de alguém que já viveu muito e por muitas vezes. Em alguns momentos as palavras me pareciam soar ao vento, mas só mais tarde vim compreender que a função do vento/palavra é carregar de forma suave as sementes ao terreno mais fértil da alma para que ali possam germinar e crescer em segurança; e também que entre a semente e o fruto há o tempo de cada coisa ser.

Estou certo de que minha admiração esteja em muito relacionada com sua postura de crer e estimular a liberdade e a autonomia dos sujeitos (coisa que para um adolescente com uma infância marcada pelo medo do pai agressivo, era algo como o paraíso). Ao mesmo tempo, sei que a admiração é um lugar perigoso que pode nos render à condição de objeto do outro admirado. E uma das coisas que este amigo me ensinou com bastante ênfase em todos aqueles momentos foi a de me tornar sujeito de minha própria história.

Como não há cópias e todo processo educativo, quando prescinde à autonomia, é sempre o nascituro de um novo ser. Por mais que muito do que aprendi e dos caminhos que trilhei tenham a enorme e importantíssima contribuição de Juracy Marques, o depósito de sua semente depende das condições em que isso é, foi e continua a ser cultivado dentro de mim. Amalgamam-se às minhas crenças, interpretações, percepções, heranças históricas, culturais, vivências, enfim, do outro Ser que as recebe e cultiva. Este sujeito não é a mera reprodução mecânica de seu educador e amigo. Pode – e deve – falar e dizer com suas próprias palavras sobre o conteúdo que esse outro trata. Aí reside a constatação de que o processo educativo foi válido e emancipador.

À medida que escrevo e, por conseguinte, reflito, percebo que interpretar como receio parece mesmo ter sido um equívoco de minha parte, de sorte que, junto a impressão de uma percepção errônea, me salta a esta altura a sensação de que consegui canalizá-lo transformando-o em um motivador. O que antes se opunha à felicidade inicial, como uma paralisia diante de uma enorme responsabilidade, hoje se une a ela e me encoraja a dar conta dessa jornada. Uma jornada de *ser-corpo* em um *corpo-ser*.

#### RETORNANDO AO CORPO...

Se alguém porventura iniciar a leitura deste livro esperando encontrar respostas concretas e objetivas sobre o corpo e sua ecologia, advirto de antemão que não precisa ir além deste parágrafo. Isto o poupará tempo e uma frustração desnecessária. Definitivamente, este não é um livro de resoluções prontas e simples para questões inacabadas e complexas. Simplicidade não é um

adjetivo cogitável para qualificá-lo. Entretanto, se busca um bom exercício intelectual sobre questões que nem a própria contemporaneidade teve tempo de decantar, advirto-lhe que esteja preparado para uma boa dose de questionamentos acerca de algumas leituras tidas como 'verdade' sobre estes dois topônimos centrais e suas relações que, como dito, até pouco tempo atrás passavam mesmo imperceptíveis às sensibilidades, inclusive daquelas que estão conectadas às dinâmicas contemporâneas.

Em uma análise sumária, o livro *Ecologia do Corpo* se destaca por tocar e, por vezes, até mesmo ultrapassar, três pontos em especial. O primeiro deles diz respeito à profundidade epistemológica no tratamento dado às questões que orbitam a problemática da obra, sem deixar nada a dever aos grandes filósofos da contemporaneidade. Além disso, o autor parte de uma pontuação sistemática do objeto de seu discurso, em direção a uma ontologia do Corpo, para, por fim, tecer a grande problemática sobre a 'teia do corpo' e sua ecologia de maneira crítica, ao mesmo tempo em que indicialmente vai apontando trilhas de superação aos problemas que aventa. Em segundo lugar, descarta qualquer reducionismo semântico com relação aos termos *Ecologia e Corpo*. Antes consolidados, revela agora dois universos complexos que, a partir de então, exigirão muito mais esforços intelectuais em sua compreensão do que poderíamos imaginar. Em terceiro lugar, por fim, obedecendo ao princípio das propriedades emergentes, Marques vai unir essas duas complexidades imanentes e nos mostrar que a obra não é o resultado da simples soma de suas partes (*Corpo + Ecologia*). Antes, origina uma complexidade maior, própria, com características bastante peculiares que irão dar sentido e justificativa às suas preocupações.

Sem medo de estar cometendo qualquer tipo de excesso ou lisonjeio indevido tanto ao autor quanto à sua obra, com a realização deste conjunto (Ecologia da Alma e Ecologia do Corpo) Marques inaugura uma nova perspectiva de olhar o corpo/alma humano que é bastante peculiar. Partindo das disciplinas recortadas da tradição racionalista, vai beber nas Ciências Sociais, na Antropologia, na Biologia, na Física, na Química, na Genética, na Ecologia, na Psicanálise, nas Religiões e nas ciências que se atrevem a tocar a espiritualidade humana, buscando criar um diálogo interdisciplinar entre estas áreas do conhecimento para alcançar uma transdisciplinaridade fenomênica. Tudo isso em busca de propor uma nova forma de compreender o ser humano que anseia, mais que à sua concepção, por sua condição integral natural, e por isso mesmo integralizante. *Não é possível pensar na ecologia de um corpo despedaçado que veio dos pedaços como unidade.*

Em um mundo fragmentado e interconectado ao mesmo tempo, é urgente redescobrir o significado do corpo/alma, suas relações e manifestações. Para isso, faz-se necessário lançar mão de uma linguagem que nos habilite a descrever essa nova natureza humana hodierna. Juracy Marques propõe a Ecologia do Corpo.

Numa perspectiva história, podemos facilmente imaginar que as primeiras representações do corpo humano irão surgir com as pinturas rupestres no Paleolítico Superior (40.000 a.C.). Do ponto de vista da representação, podemos dizer que é aí que nasce a história do corpo. Mas, antes de tudo, creio que é aí que nasce a história do corpo/ser, intangível por natureza, ainda que físico. Impossibilitado de compreender sua própria totalidade, que encerra em si mesmo a grandeza, o tempo e a complexidade do universo inteiro, necessita destacar-se particularmente, representando-se, para dar conta da imensidão que é o fenômeno do corpo/imanência, manifestação da alma/transcendência.

A mais antiga expressão de arte figurativa humana foi encontrada na caverna *Hohle Fels*, região da Suábia, sudoeste da Alemanha, em 2008, e é datada de 35 mil anos a.C. Batizada de *Vênus de Hohle Fels*, a escultura em marfim representa um corpo feminino com dimensões exageradas (seios, quadris largos e um órgão sexual avantajado)<sup>2</sup>. Alguns especialistas aventam que quisesse representar a dimensão feminina e maternal da natureza. De toda sorte, vemos que a representação da perfeição através do corpo carregou outros significados ao longo da história humana, variando com os contextos culturais em que são elaborados.

Os gregos nomeavam o corpo vivo de *soma*. Isso por si só já diz muita coisa. A síntese tem essa característica, de significar muito utilizando-se de poucos sinais. Nesse sentido o corpo é síntese. É onde tudo que habita no universo interior se inscreve. Jean Yves-Leloup (1965) chega mesmo a afirmar que podemos perdoar com a mente e com o coração, mas o corpo sempre se lembrará. É lá que em última instância irá se manifestar o 'perdão' ou o 'não perdão'. Escreve que o corpo é uma memória e que ao tocar um corpo, tocamos uma história. Quiçá, uma história *da idade do céu*, já que somos feitos da mesma matéria que as estrelas<sup>3</sup>.

Foi pela representação do corpo como síntese que as tradições greco-romanas desenvolveram as artes plásticas legando-nos a reprodução de obras de arte carregadas de perfeição em enormes pedras de mármore como forma tradutora e transdutora dos seus ideais sobre o bom, o belo e o verdadeiro. A reprodução artística não carrega

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/arqueologia-e-paleontologia/primeiro-registro-de-arte-figurativa-humana>.

<sup>3</sup> LELOUP, Jean-Yves. *O Corpo e Seus Símbolos: uma antropologia essencial*. 22<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

apenas o olhar estanque. Ela traz consigo a capacidade de inaugurar novas formas de olhar. Na sociedade grega, é bem possível que as estátuas fossem a representação física daquele povo. Mas, mais importante que isso, é destacar que a representação destes valores imbuíram o arcabouço cultural grego na busca pela perfeição em tudo o que os cercava, desde a Matemática, a Geometria, a Astronomia até a Política e a Democracia. Motivado por esse ideal de uma perfeição do ato de pensar, o racionalismo operou uma ruptura sistemática que fendeu a ligação do corpo com a alma e chegou mesmo à sua dissecação minuciosa, dando origem às ciências cadavéricas, que tem por representante *mater* a Anatomia. Nesse sentido o corpo é análise. E nada para além disso pode ser.

Para as tradições hinduístas, onde surge o Yoga, o corpo é (re)união. Análise e síntese em dinâmica constante, expressos de formas distintas. Cada Àsana (posições corporais) canaliza uma determinada energia que estimula ou regula a atividade dos órgãos de determinada região (digestivo, circulatório, imunológico, etc.), divididos em grupos que devem ser trabalhados harmoniosamente para alcançar o equilíbrio e a saúde integral. Além disso, podem ter a função de estimular ou bloquear habilidades psíquicas e mentais como a paciência, a criatividade, o intelecto, e regular os processos fisiológicos, como pressão sanguínea, digestão, circulação, filtragem do sangue e produção de humores, dentre outros. Creio que os orientais conseguiram captar com maturidade e amplitude os benefícios que a dinâmica síntese/análise pode nos fornecer quando utilizadas conjunta e equilibradamente. *Não conhece doença, velhice nem sofrimento aquele que forja seu corpo no fogo do Ioga*<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>Upanishad Shvetashvatara (II:12-13).

Quanto à representação do corpo nas Artes, na Dança, não pretendo me delongar nem tampouco descrever um tratado, visto que se trata aqui de um prefácio e que daria mesmo outro livro ou uma tese de igual profundidade e teor para tratar apenas de tais elaborações nestes universos simbólicos. Desejo apenas enfatizar sua importância nas inúmeras expressões das linguagens culturais até os dias atuais e, creio eu, continuarão a ser enquanto o corpo desempenhar o papel de instrumento relacional do ser com o mundo, manifestações diferentes da mesma força vital. Também a Antropologia, já desde Bronislaw Malinowski (1884-1942), destaca a ética do corpo como reflexo do arcabouço signíco e simbólico na construção dos processos identitários em comunidades tradicionais. Mais tarde Gregory Bateson (1904-1980) e sua esposa Margaret Mead (1901-1978), usando a fotografia, irão desenvolver um método de investigação antropológico que se apoia na imagem, de onde um destes componentes imagéticos é representado pelo corpo – a etnografia visual.

Para alguns estudiosos contemporâneos o corpo é abordado como um produto resultante de uma visão genética determinista sobre o qual o ambiente natural exerce algumas influências e vai moldando esse corpo de acordo com as intensidades destas interações<sup>5</sup>. Mesmo aqueles que se atrevem a ir um pouco mais longe e abordá-lo a partir de uma perspectiva simbólica e cultural, reduzem-no a estas lentes ignorando suas dimensões biológicas, físico-químicas, espirituais, religiosas, revelando que o corte, ato primordial da anatomia corpórea, fundante das ciências modernas, dissecou não apenas a carne do corpo, mas também a capacidade de enxergar, perceber e representar a vida em sua infinitude.

---

<sup>5</sup> CAMARGO, Brígido V. et al. Representações Sociais do Corpo: estética e saúde. In: **Temas em Psicologia**. 19(1), 257-268, 2011.

Por mais estranho que possa nos parecer, é nas religiões e nos espaços de prática da espiritualidade que encontraremos os redutos onde o corpo vai ser pensado como integralidade, totalidade, porque é visto como 'parte integrante', e não 'parte isolada', do fenômeno da vida. Esta relação antagonica entre a Alma e o Corpo diante de uma perspectiva religiosa é proficuamente discutida pelo Rabino Judeu e Engenheiro Elétrico Nilton Bonder (1957) que aborda as noções de Corpo e Alma, moral e imoral, santo e marginal, traição e tradição<sup>6</sup>. Confrontando os conceitos de alma imoral dos textos sagrados do Judaísmo e do Cristianismo ao de animal moral, da Psicologia Evolucionista, afirma que, em busca da manutenção da vida, o corpo quer sempre se perpetuar. A alma traz consigo o impulso de transgredir.

Enfim, fica claro que o fenômeno *corpo* pode ser modelado, explicado a partir de diversas lentes, sempre a despeito da verdade que o corpo, assim como a alma, é fundamental para a manifestação e expressão da sacralidade da vida. Essa separação antagonica Corpo x Alma serviu à história da humanidade como via de elaboração do diabólico (dissociativo, disjuntivo) da vida, da integridade dos seres e de sua conexão com o que é universal e divino em nós, que corresponde ao simbólico (associação, integração, junção). O diabólico não reside no corpo, como pecado originário, nem na alma, como ente transgressor. O diabólico é exatamente o antagonismo destas duas formas de manifestação do divino, da beleza da vida. Reintegrar esses dois irmãos, filhos de mesmo pai e mãe, é garantir a possibilidade de simbolizar a vida, de reencontrarmo-nos com o bom, o belo e o verdadeiro, isto é, o divino, em nós.

---

<sup>6</sup> BONDER, Nilton. **A Alma Imoral**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

## ECOLOGIA DO CORPO

O autor nos leva a refletir sobre as múltiplas perspectivas a partir das quais o corpo é explicado pelas Ciências, além de problematizar sobre as ausências e as contribuições da Ecologia para um entendimento do corpo enquanto fenômeno integral. Elabora uma viagem histórica a partir de exercícios conceituais sobre a ecologia a partir dos mais influentes teóricos e estudiosos da área, partindo de Ernst Haeckel (1834-1919) até Gregory Bateson (1904-1980), passando por Odum (1913-2002) e Capra (1939).

Como um questionador incurável, sempre na tentativa de compreender aquilo que habita por trás de seu encantamento ante o belíssimo fenômeno da existência humana – mesmo, por vezes, aquilo que a história e o tempo ainda não fermentaram –, nos leva a questionar sobre a presença de uma ausência que é marcante na Ecologia moderna: a compreensão dos fenômenos subjetivos da espécie humana. Para o autor há *uma equivocada atenção com as interações que os seres estabelecem com os outros e uma quase inexistente preocupação com a relação que os seres estabelecem consigo mesmos. Não existem estudos que analisem a relação do beija-flor com ele mesmo, ou de uma orquídea com o desamparo de suas pétalas, nem tão pouco da ecologia do silêncio dos animais humanos.*

Porque na Ecologia, *a ciência que estuda a beleza*, é incomum encontramos estudos sobre suas dimensões subjetivas?<sup>7</sup> Sendo a Ecologia o estudo das relações dos seres vivos entre si e com o

---

<sup>7</sup> Apesar de, nos últimos anos, apenas, a dimensão humana ter aparecido, ainda que timidamente, em alguns estudos circunscritos às áreas da Etnoecologia, da Ecologia Humana, da Epistemologia Ambiental, dentre outras.

ambiente que os rodeia, porque não estudar as relações do ser/alma humana com o seu ambiente mais imediato, sua casa/corpo/*oikos*? Como se dão as relações destas casas/corpos/*oikos* humanos com as diversas dimensões que o atravessam – racional, física, espiritual, psíquica, afetiva, entre outras? Não há relações entre elas? *O corpo [...] é uma metáfora, um acontecimento impensável, o primeiro ambiente com o qual nos relacionamos. Mesmo habitando o corpo, desconhecemos os complexos sistemas que se estabelecem nessa casa interior, quer seja de ordem bio-físico-químicos ou simbólico-culturais. Vindo à Terra, passamos a morar com um desconhecido: nosso próprio corpo. A partir desse desconhecimento passamos a estabelecer nossas interações com o mundo.*

Diante da dinâmica contemporânea particulada em que se encontram imersas as almas e os corpos humanos tão plurais, tais questionamentos são bastante pertinentes. Ainda que estejamos fisicamente isolados, habita um universo dentro de nós. Sua natureza e seu destino inevitáveis é a totalidade.

Longe da pretensão de serem solucionadas em uma única opereta, as inquietações que o autor nos traz podem contribuir enormemente aos que se ocupam em compreender, ou mesmo aos que tentam elaborar suas trilhas *em dias de sol, dias de chuva e, por vezes, no divã*, a velocidade e a complexidade das transformações que caracterizam a era contemporânea, seja sob a ótica da complexidade de Morin, da liquidez de Bauman, das redes de Latour, da análise Freudiana/Lacanianiana ou da Ecologia dos Sujeitos de Marques<sup>8</sup>. Digo da Ecologia dos Sujeitos, pois

---

<sup>8</sup> A esta altura podemos nos questionar: é possível nomear Sujeito à união de um corpo e uma alma? Minha resposta é: Não! Há muito mais na constituição do Sujeito. E por que propor uma Ecologia dos Sujeitos, ao tratar apenas do corpo e da alma? Por que aqui antevejo que outros livros de Marques tratarão das outras dimensões deste sistema complexo que é o humano. Talvez uma Ecologia dos Afetos, uma Ecologia das Emoções ou uma Ecologia da Alimentação.

anterior a esta obra, Marques escreveu de forma inaugural a *Ecologia da Alma*, que aconselha sua leitura prévia.

*A grande cicatriz da humanidade, em particular, é a criação mítica dos seus próprios mitos da criação.* Qual é a nossa história? Qual é a história do corpo humano? Qual seria a melhor forma de contar essa história? Por onde começar? Onde queremos chegar? O que incluir e o que deixar de fora? Podemos contar uma história única da ser/corpo? Refazendo uma jornada que parte do momento zero do nascimento do universo até o aparecimento do *Homo sapiens*, passando pela sopa primordial, o surgimento da vida nos oceanos a partir das formas unicelulares e pluricelulares, chegando aos primeiros hominídeos e as sucessivas evoluções e adaptações pelas quais passaram as espécies do gênero *Homo*, Marques vai buscar os rastros do corpo no mundo desde suas formas mais primitivas. Toca na pedra (que *é sem o mundo*, segundo a construção Lacaniana), passa pelo DNA (as letras do corpo) e a decifração da linguagem da vida, delineando uma cronologia da evolução e da adaptação nos diversos momentos da história.

Tendo as ciências que se preocupam em reconstituir a história da evolução da espécie humana conseguido reunir dados e informações mínimas que lhes permitem esboçar uma linha cronológica da evolução do corpo, Marques traz um novo elemento a este debate: qual o papel da adaptação na construção da alma humana? Qual o papel da alma na evolução e adaptação da espécie humana? Qual o papel da cultura na evolução do corpo e da alma humana? Utilizando-se de uma retórica dialética, expõe as sínteses e as análises que constroem o tema central do debate e problematiza a explicação mais comum de que a evolução decorre de um processo linear que se inicia na via genética, manifesta-se fisicamente no

corpo e tem sua reprodução assegurada pelo sucesso deste novo dispositivo produzido, uma vez que este se mostre eficiente ante a superação dos desafios impostos pelo ambiente natural. Sendo possível reduzir as explicações da evolução humana à via genética, fica fácil então de respondermos: Qual o gene que dota a espécie humana da capacidade de simbolizar a vida e a morte? Que substância química (proteína, enzima, fosfolípido, óleo, carboidrato...) atribuiu à espécie humana a capacidade de simbolizar a natureza, as plantas, os animais e os espíritos? Onde eles são produzidos? Como atuam no organismo biológico? Creio que essa não seja uma resposta tão simples.

A esta altura fica fácil entender a pretensa separação entre corpo e alma. Por ser difícil responder a estas questões conjuntamente, separam-se as unidades e explica-as separadamente. Nesse campo, a evolução do corpo é bastante clara. Mas, como fica a evolução da alma? Mesmo nos casos de análise pura e simples do corpo enquanto produto da evolução, algumas questões ainda não estão bem resolvidas, como por exemplo: Seria este um produto das alterações genéticas em resposta às alterações naturais do meio ambiente, como defende a Antropologia/Arqueologia? Seria um produto puro e simples (ainda que complexo) da ação mágica dos genes, como defende a Genética e a Biologia evolutiva? Ou contaria aí com a influência dos significantes elaborados pelos universos culturais criados pela própria espécie, conforme defende a Sociobiologia, uma co-evolução genético-cultural?

É impossível alcançar a totalidade partindo-se da particularidade. Vistos como pedaços, Marques vai nos afirmar, somos fragmentos. E nenhuma Ciência que, partindo da particularidade, queira abarcar a integridade, dará conta de explicar este fenômeno por inteiro. *Só*

*podemos pensá-lo como uma superfície despedaçada. Este vidro estilhaçado da existência produziu objetos infinitamente intocáveis. É a partir destes fragmentos dos diversos saberes, de suas descontinuidades, que chegamos à conclusão de que a Ciência, incompleta por natureza, uma vez que é produto da ação de um ser também incompleto, ainda não é capaz de contar a história da evolução do gênero *Homo*, tendo conseguido escrever apenas parágrafos de alguns capítulos desta fascinante história do universo.*

Através do discurso, tentamos nos refazer e nos colocamos diante de um vidro estilhaçado – como na metáfora de Narciso – onde podemos fitar apenas cada parte de nossa inteireza enquanto humanidade, mas nunca a totalidade da reunião integrada destas partes, posto que, inconclusos, *só vemos em parte*<sup>9</sup>. *Moramos numa Casa (Terra) feita de corpos em pedaços. Nossa vida se resume em tentar juntar esses cacos pela via do discurso, da linguagem, mas é aí, onde o impossível permanece. Este objeto da totalidade não pode ser experimentado como um caco, mas como um platô, ou seja, um pedaço de imanência.*

Como um arqueólogo, Marques escava os 'restos' do ser humano através de seus registros gráficos e vai sinalizar o momento histórico onde a espécie humana deixa de ser apenas corpo, produto do gene ou do meio, para tomar consciência de sua dimensão subjetiva, sua alma. A sedentarização da espécie humana é apontada como um dos principais eventos históricos que irá contribuir para o fortalecimento de sua capacidade criativa e o surgimento e a consolidação dos universos socioculturais. Desse avanço, salta à contemporaneidade e debate temas ainda recentes e cheios de percalços em nossos dias,

---

<sup>9</sup> Referência à primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios (I Cor, 13).

como a artificialização dos corpos, a transnaturalidade, a pós-ecologia e o direito legal à constituição de famílias homossexuais.

Genética ou Cultura? Corpo ou Alma? As ciências estão tateando diante da maior invenção da vida, a alma humana, nos diz Marques. Algumas até mesmo a ignoram. Nem a Genética e nem a Arqueologia ou mesmo a Cosmologia dão conta de compreender as propriedades desse sistema complexo e constantemente mutante que é a alma viva que habita um corpo humano. É exatamente nesta interação que reside um dos questionamentos centrais desta obra. *A alma anima o corpo ou o corpo anima a alma?*

Por fim, Marques aborda o estudo de suas relações do corpo (a Ecologia do Corpo), valendo-se das teorias psicanalíticas, prioritariamente, e, mais uma vez, confrontando dialeticamente as interações entre o Corpo e a Alma, a partir das diversas teorias. Existimos antes do corpo? Na psicanálise somos sujeitos do discurso. Existimos antes de existir na carne. Nas religiões espiritualistas também. Sendo assim, o que nos caracteriza enquanto ser vivo não é o corpo físico. É, antes, o discurso, em um, e a consciência, em outro. Nestes lugares o corpo é invisível. A alma justifica o corpo.

Questionando a noção de que o corpo é fora da Ecologia moderna, Marques vai elaborar um conceito fundamental ao qual nomeia *corposfera*, isto é, toda a dimensão viva que circunda e se relaciona com o interior, o exterior e o transterior<sup>10</sup> dos corpos e seus rastros nos

---

<sup>10</sup> Se o exterior reúne o que há fora e o interior reúne o que há dentro, o transterior refere-se à natureza dos trânsitos entre as coisas que classificamos como 'fora' e 'dentro' e suas propriedades e características surgentes. Transterioridade seria a propriedade daquilo que, por natureza, só existe, só pode ser percebido e pensado enquanto está em trânsito.

universos por onde passa. Se a *corposfera* é fragmentada, deixamos de falar da teia da vida. Impedimo-nos de enxergar uma Ecologia do Corpo. O 'meio ambiente' do corpo é, além de tudo o que o circunda, ele mesmo com suas forças, pulsões, fragmentos e vazios.

Após o momento histórico da transição de um corpo inviolável para o corpo descartável, corroborado pela Anatomia, demonstra que a detecção da insuficiência do corpo foi um marco importante para a criação do corpo da psicanálise e como esta área do conhecimento trata do corpo não como coisa encerrada em si, mas transbordante, que só pode se dimensionar em um Outro, que é fora de si, pela linguagem. Passamos do corpo físico, delimitado pela pele, para o corpo simbólico, que irrompe e ultrapassa os epitélios. Faz ainda uma correlação do corpo simbólico, a partir do corpo erótico pensado por Freud, do conceito de Narcicismo e seu poder de influencia na formatação dos corpos, como é o caso dos anoréxicos, por exemplo. Aqui, o corpo justifica a alma.

Como dito no início, não cabem respostas simples para questões complexas neste livro. O presente que Marques nos traz agora é o de poder pensar e refletir sobre questões essenciais para a existência humana. De pensar, por exemplo, a relação com nosso corpo/alma diante de um tempo onde as 'condições ambientais' que moveram e continuam a influenciar os processos evolutivos humanos deixaram há muito de ser apenas de ordem fisiológicas, metabólicas, orgânicas, quiçá, são somente externas. Como o corpo/alma se adapta à exposição massiva dos universos imagéticos das redes sociais? O que há de simbólico por trás disso? Qual o peso evolutivo e adaptativo destes signos na formatação das personalidades e dos corpos contemporâneos? Além dos casos de corpos/almas anoréxicos e bulímicos, dos

corpos que abrigam as das múltiplas identidades sexuais, das novas formatações de família, em discussão na atualidade, etc.

Somente a inquietação e a ânsia incessante por tocar o essencial, o veloz, que acompanham Marques para se atrever a tentar alcançar este algo ainda intangível para a História. Tenho certeza que será uma excelente leitura àqueles que se encantam com as nuances e matizes do belíssimo fenômeno que é a contemporaneidade. Divirtam-se!

**Arthur Lima**

Senhor do Bonfim, 02 de novembro de 2015



## APRESENTAÇÃO

Eu moro em mim mesmo. Não faz mal que o quadro seja pequeno. É bom, assim tenho menos lugares para perder minhas coisas.

Mário Quintana

Na mitologia grega, “Eco” era uma ninfa amante dos bosques e dos montes, companheira inseparável da caçadora Diana. Eco falava demais e sempre dava a última palavra em tudo. Por tentar enganar Hera, que desconfiava de que seu marido (Zeus) estava divertindo-se com as ninfas, foi castigada a não mais poder falar, a não ser quando fosse interpelada, autorizada pelo Outro.

Eco se apaixonou por Narciso, mas não podia dizer o quanto ele era belo e como o queria. Por sua maldição, necessitava que ele falasse primeiro. O castigo mutila e nos imobiliza; institui o medo que se mantém onde enraíza-se a violência. Narciso, em busca da “ninha escondida”, perguntava por ela aos ventos e tinha como resposta suas últimas palavras. Eco se dirige a Narciso desesperada de amor por ele. Narciso, assustado com o comportamento de Eco, diz: “Afasto-me! Prefiro morrer a te deixar me possuir”. Eco responde: “Me possuir”.

Eco, envergonhada, esconde-se. Definha-se. Seus ossos se transformam em rochas, sobrando apenas sua voz. O corpo vira voz.

A voz-corpo ainda mantém o hábito de responder a todos que a perguntam e sempre responde com a última palavra do interrogante. Hoje, escondida na sua voz, habita comumente as cavernas, as fendas, os abismos, a solidão.

Manoel de Barros, o Poeta da natureza, fez-me lembrar do destino de Eco: *E aquele que não morou nunca em seus próprios abismos nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas não foi marcado, não será marcado. Nunca será exposto às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema. Todo nosso corpo é letra.*

O Olimpo condena Narciso pelo destino da bela e jovem Ninfa. A humanidade ignora os destinos dos corpos juvenis. Ele se apaixona pela própria imagem refletida no lago. Admira-se até morrer. Antes de encontrar seu destino, implora à própria imagem que se desfaz com suas lágrimas: “Fica, peço-te, fica! Se não posso tocar-te, deixe-me pelo menos admirar-te”.

Eis o destino dos corpos desses dois belos jovens: **uma virou voz, escamou-se na foz do seu silêncio; o outro se transformou numa flor, um lótus, que, sob o espelho d’água, fincou suas raízes na lama. Hoje, qual é o destino dos nossos corpos? Viraram voz ou flor?**

Esses mitos gregos me levam a pensar no efeito do dizer sobre os corpos, invadidos por um objeto causa de seu desejo, nominados por Lacan de “objeto *a*”, semente da alma<sup>11</sup>, e mesmo, servos das larvas deixadas pelas vespas do Grande Outro (A), que, como sabemos, não existe, mas nos invade; e nós, num esforço para não nos diluirmos na

---

<sup>11</sup> Descrevo isso no meu livro **Amor e Paixão no Divã**.

solidão, gozamos como objeto para um gozo do Outro. Nosso corpo-casa vira casca, adornada por uma pele que contorna a densa espessura do vazio. Esse Outro, que é nosso corpo, é tudo que fantasiámos ser o outro com o qual nos relacionamos.

Há um castigo dirigido a Eco por dizer. Na Psicanálise, é como o sujeito que está entre o dizer e o dito, um ser de discurso que *tanto produz o sentido quanto escava nele o não-sentido* (VIEIRA, 2001:105). Wittgenstein afirma que *sobre o que não pode ser dito deve-se calar*. Talvez, por isso, tantos corpos emudecidos, silenciados. Poemas presos. Para Freud, o que não pode ser dito não pode ser calado porque não para de falar. Na Psicanálise, a palavra que fala é o silêncio. O que faz Eco encantar-se por Narciso é seu silêncio, sua verdadeira palavra. O sujeito está sempre entre o dizer e o dito. Nem todo dizer é o dito. Às vezes, o dito esconde-se no dizer. Ele é seu eco.

O que do dizer resta nos corpos? Quando a palavra deixa o corpo, o que fica como rastro? Saindo do corpo, ela se desprende, na sua totalidade, dele? Fica algum resto da palavra que sai? Nosso corpo é a palavra ou apenas uma tapeçaria de carne?

Já ponderamos que nem todo dizer é o dito. Nem toda palavra nomeia sua própria alma. Por vezes, esconde-a nas cavernas mais profundas do ser. Dizer-se para silenciar-se, eis a questão!

Mas a Psicanálise é uma “cura” pela palavra e não pelo silêncio. Todo processo analítico estrutura-se pela correnteza de palavras ditas em dias de sol e de chuva, às vezes, no divã. Sabemos, por conhecermos parte das dinâmicas do inconsciente, que sempre há um resto, o que de fato não pode ser dito mesmo que se diga. Isso é o

que Lacan (1985) nomeou como Real, o impossível de ser dito, tocado. Pensar em nosso corpo está na ordem do impossível?

Mas o que se diz quando não se diz nada? Qual é o efeito dos silêncios nos corpos? Curamo-nos por dizer, mas nem todo dizer cura. O sintoma, em alguma medida, é silêncio. Um silêncio que fala emudecido. É preciso dar som ao silêncio, mas, igualmente, é preciso sempre pensar que por traz do som há o espírito das ondas que se propagam, invisivelmente, pelo espaço, mas se mantém enraizado ao corpo. O som nem sempre tem a mesma arquitetura do silêncio. Temos que ter a capacidade de ouvir o som da palavra e visualizar a arquitetura do seu silêncio. O corpo diz. É ele que guarda as cicatrizes da alma, da palavra. Corpo e Alma são dois lugares, ao mesmo tempo, um. Alma é pele e o corpo vento.

Quando estive na Grécia, uma das civilizações que cultuavam o corpo, no Museu de Arqueologia de Atenas, tal foi minha surpresa ao deparar-me com uma cópia de *Doríforo*, escultura de Policleto, e reconhecer nela algo presente no Davi de Michelangelo, no campo das artes, uma reverência de beleza ao corpo humano, sempre de pedra, de rocha, de chão, de terra.

A civilização romana que pensava pelo corpo, levou também os signos e sentidos da estética corporal grega. Em Florença, diante do Davi, da sua perfeição anatômica escavada no mármore, tive a certeza de que o corpo grego era também o corpo romano. Essa prova estética me permite afirmar que alma e corpo são como os genes, misturados, tornam-se matéria constitutiva do novo, antes de tudo velho.

O *Doríforo* e o *Davi*, símbolos de duas civilizações corporais, guardam, como elementos de vida, a beleza. Nietzsche (2001), sobre

essa condição corporal da nossa existência, falava que *como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos, mãos e, sobretudo, boa consciência, para bem poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno.*

Hoje, falta aos corpos humanos beleza, alegria, felicidade, alma. Os corpos e almas são tiranizados por uma ditadura estética maniqueísta, amplamente enraizada ao discurso capitalista que o fabrica nas clínicas cirúrgicas e nos padrões elaborados para um esquizofrênico mercado da carne humana que deixa o corpo desnaturalizado, sem cheiro, sem secreções, sem formas. Ele informa sua forma. O corpo que nos deram para viver é uma ilusão. Passamos a existir sem nosso corpo.

Esse corpo de beleza que evoca Nietzsche não é o corpo-animal, dos nossos primórdios como bichos, como feras, tampouco o corpo-alma da era medieval, que sempre o apaga, nem o corpo-máquina da era moderna cartesiana, que o robotizou, tirou seu rosto, sua essência escavada nas cavernas da anatomia. É, sim, o corpo da biologia do amor, como nos apresenta Maturana (2001), por meio do qual se promoverá a grande revolução da nossa existência.

Tenho aprendido, com a minha experiência de análise, que o corpo é uma cortina de carne e que é atrás dele que está o grande espetáculo do sujeito: a alma. Nas profundezas dos seus oceanos, seu inconsciente, nosso maior silêncio: a palavra.

As folhas seguem os destinos dos ventos. Mas as brisas que carregam a alma das flores no outono, a pele da chuva que pinta as árvores sobre as calçadas, ou mesmo as estrelas que olham nossa voz que arde ao sol, trazem, nos seus mistérios, a alquimia que transforma pétalas no templo da vida: o corpo.

Trilhando em diferentes lugares que trabalham com a noção de corpo e de alma, em especial a Psicanálise, a Antropologia e a Ecologia Humana, deixo aqui minhas inquietações neste livreto, que acasala os fundamentos da Biologia Evolutiva e as estruturas dos significantes analíticos, esperançoso de que a Ecologia, nos seus passos, nos seus avanços enquanto ciência da beleza e da existência, que ecoa um forte discurso sobre o sentido de nossas vidas hoje, não tome o corpo humano como um organismo vivo, feito de órgãos, uma máquina biológica, nem como um conjunto vazio à deriva do mundo, mas como uma força criativa da beleza e da poderosa magia da vida.

**Juracy Marques**

Serra dos Morgados, inverno de 2015

# O Corpo da Ecologia



*A natureza como um todo era viva para Leonardo e ele observou como os esquemas e os processos no microcosmo do corpo humano eram semelhantes aos do macrocosmos da Terra.*

Capra, 2011

*O corpo é uma festa.*

Eduardo Galeano

## O CORPO DA ECOLOGIA

As cores não existem na natureza.  
Wilson, 2013

*A Ecologia é um discurso universal de maior força mobilizadora do futuro*, diz o ecólogo humano Leonardo Boff (2000), em *A Ética da Vida*. Trata-se da **ciência da existência**. Para Begon (2008), *a ecologia, se não for a profissão mais antiga, provavelmente seja a ciência mais antiga, pois os humanos primitivos tinham a necessidade de compreender a dinâmica do ambiente em que viviam*.

As preocupações dessa jovem ciência movimentam-se em torno das cascas da civilização humana. Na China, por exemplo, onde há a maior emissão de CO<sub>2</sub> do mundo, a poluição chegou a 500 microgramas por metro cúbico, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece o limite de 25 microgramas por metro cúbico para cada 24 horas. Nessas condições, respirar em Pequim equivale a fumar 40 cigarros por dia<sup>12</sup>. Situações como essa fez nascer o estranho comércio de ar puro em latinhas, que já tem produzido novos ricos na China. O capitalismo sempre lucrando com a desgraça.

---

<sup>12</sup> Globo, 18.12.15.

Ao tempo que diversos países discutem a descarbonização das sociedades modernas, crescem, entre os sete bilhões de moradores da Terra, os problemas relacionados à superpopulação humana e suas pressões sobre os bens naturais, a perda da biodiversidade, a produção de lixo tóxico, os desflorestamentos, a escassez da água potável, as guerras, e uma infinidade de problemas socioambientais. A Ecologia se firma frente às crises produzidas pelas intervenções humanas e outros fenômenos naturais.

São, exatamente, as influências do meio físico sobre os organismos associados aos processos de competição e de cooperação biológicas na seleção natural que vão levar Darwin e Wallace a lançarem as bases das teorias sobre a origem e a permanência das espécies, fundantes da nova ciência, nomeada por Haeckel de Ecologia, em 1866. Antes de Darwin e Wallace, foi Lamarck, importante naturalista francês, que propôs a primeira teoria científica da evolução, em 1908.

O professor Ávila-Pires (1999), no seu livro *Fundamentos Históricos da Ecologia*, descreve, cuidadosamente, os passos desse campo de conhecimento. Sem a precisão de dados comprobatórios, relata, a partir de Kormondy, que o naturalista Henry David Thoreau mencionou, em 1858, ou seja, antes de Haeckel, que a Ecologia já era disciplina curricular nos EUA. Destaca que, em 1859, Darwin chamou a atenção para algo que seria a grande base da ecologia: *Tenha-se em mente como são infinitamente complexas e ajustadas as relações mútuas de todos os organismos entre si e com as condições físicas de existência*. Entretanto, pondera que foi somente em 1866 que Haeckel, numa nota de rodapé, propôs o nome *ecologia* para o estudo da economia das relações dos animais e das plantas com o ambiente. De um artigo de Stauffer, transcreve o sentido dessa notinha que mudaria a

vida de uma ciência, antes História Natural e depois Biologia<sup>13</sup>:

Quando Haeckel propôs ecologia, ele a discutia como uma área da biologia e classificou-a como parte da fisiologia das relações, mas não a definiu de modo objetivo. O termo ecologia apareceu pela primeira vez em uma nota de rodapé na página oito do primeiro volume. Aqui Haeckel o introduziu como um substituto para o uso arbitrariamente restrito do termo biologia e explicou ecologia como sendo a ciência da economia, dos hábitos, das relações externas dos organismos, entre si, etc... somente algumas centenas de páginas mais adiante, na parte final do segundo volume quando ele começa a discutir o conceito de evolução de Darwin e da seleção natural, é que Haeckel apresenta uma concepção mais ampla do termo. Primeiro discutiu-o brevemente como a ciência da economia da natureza, das relações mútuas dos organismos; e descreveu a cadeia dos gatos-ao-trevo de Darwin como um exemplo.

Incrível como uma pequena descrição seria responsável pela organização de uma das mais complexas ciências do mundo contemporâneo, ainda carregada de muito desentendimento. Sobre o que é a Ecologia, Haeckel<sup>14</sup> escreve:

Por ecologia nós entendemos toda a ciência das relações do organismo com o ambiente, incluído, de maneira geral, todas as condições de existência. Estas são de natureza em parte orgânica e em parte inorgânica; ambas, como mostramos, são da maior importância para a forma dos organismos, porque os forçam a se adaptarem. Entre as condições inorgânicas às quais todos os organismos devem adaptar-se pertencem, em primeiro lugar, as propriedades físicas e químicas de seu habitat, o clima (luz, calor, condições atmosféricas de umidade e eletricidade), os nutrientes inorgânicos, a natureza da água e do solo, etc. Como condições orgânicas de existência consideramos todas as relações do organismo com todos os outros organismos com os quais ele entra

---

<sup>13</sup> O nome Biologia é, simultaneamente, atribuído a Treviranus e a Lamarck, que o utilizaram, pela primeira vez, no início do século XIX (ÁVILA-PIRES, 1999).

<sup>14</sup> In Ávila-Pires (1999).

em contato, e dos quais a maioria contribui ou de maneira vantajosa ou danosa. Cada organismo conta entre os demais organismos seus amigos e inimigos, aqueles que favorecem sua existência e aqueles que o prejudicam. Os organismos que servem de alimento orgânico para outros ou que vivem sobre eles como parasitas também pertencem a esta categoria de condições orgânicas de existência.

A Ecologia é a ciência da beleza, como afirma Poincaré<sup>15</sup>: *O cientista não estuda a natureza pela utilidade de suas descobertas. Ele o faz porque sente prazer nisso, porque é belo. Se a natureza não fosse bela, não valeria a pena conhecê-la e a vida não valeria a pena ser vivida.*

Na história dessa bela ciência, destacou-se o estudo das formas de relações de animais não humanos e das plantas com a natureza. Gradativamente, a espécie humana vem tendo destaque nos estudos da Ecologia, particularmente com a criação do campo da Ecologia Humana, nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, mesmo o humano já inserido em suas preocupações científicas é tomado como um organismo biológico estranho em si mesmo. Negam-se suas mais complexas dimensões simbólicas atreladas às suas existências no campo do corpo e da alma.

A Ecologia, quando definida por Haeckel, não colocou o corpo como objeto de estudo, mas se ocupava de analisar as relações entre os seres vivos. A dimensão do corpo evocava a noção de vida, criada no século XIX, e é isso que vai permitir a criação da nova ciência da vida, a Biologia (ÁVILA-PIRES, 1999). Há uma equivocada atenção às interações que os seres estabelecem com os outros e uma quase inexistente preocupação com a relação que os seres estabelecem consigo mesmos.

---

<sup>15</sup> In Ávila-Pires (1983).

Não existem estudos que analisem a relação do beija-flor com ele mesmo, ou de uma orquídea com o desamparo de suas pétalas, nem tão pouco da ecologia do silêncio dos animais humanos.

Sobre essa solidão do pensamento, fui levado a refletir sobre um silogismo apresentado por Batson (2001): *A planta morre, Os homens morrem, Os homens são plantas*. Um crítico publicou que essa não é uma lógica aceitável para um cientista, embora talvez seja para um poeta. Batson chegou a reafirmar: *Essa é minha maneira de pensar... era de fato a lógica sobre a qual o universo biológico tinha sido construído... espero que tenha ajudado a libertá-lo de pensar apenas em termos materiais e lógicos na sintaxe e na terminologia mecânica, quando vocês estiverem tentando de fato pensar acerca dos seres vivos*.

O corpo, como o silogismo de Batson, é uma metáfora, um acontecimento impensável, o primeiro ambiente com o qual nos relacionamos. Desde a concepção, situados dentro de um corpo, vamos tomando forma e consciência de ser ou apenas ter um outro corpo, separado por uma pele do meio externo. Nossa pele é o manto que separa a noite dos órgãos do clarão do universo. Há mesmo um segredo entre o negro dentro e a luz fora do corpo. Há quem acredita que é na pele que Deus habita. A natureza é nossa pele.

Cuidar desse corpo é também cuidar do Universo e cuidar do Universo e do meio ambiente é cuidar também do nosso corpo, como escreveu Jean-Yves Leloup, no livro *O Corpo e Seus Símbolos: Uma Antropologia Essencial* (2014).

O termo grego *oikos*, de onde deriva a palavra *okologie* (ecologia), é comumente usado como sinônimo de *casa, lugar de morada*. Quando chegamos ao mundo onde aninhamos nossa alma? Antes,

muramos o mundo em nós, e usamos a pele para construir essas paredes de carne. Mesmo habitando o corpo, desconhecemos os complexos sistemas que se estabelecem nessa casa interior, quer sejam de ordem biofísico-químicos ou de ordem simbólico-culturais. Vindo à Terra, passamos a morar com um desconhecido: nosso próprio corpo. A partir desse desconhecimento, passamos a estabelecer nossas interações com o mundo.

Apesar de localizarmos o nascimento da Ecologia como a ciência da beleza da natureza, não há, na origem desse campo de conhecimento, uma preocupação manifesta com a espécie humana. É perceptível o anti-anthropocentrismo dos naturalistas dessa época. Por exemplo, na obra *A Origem das Espécies*, fora poucas notas, o homem está ausente das primeiras elaborações do verdadeiro pai da Ecologia.

Darwin tinha a pretensão de escrever um capítulo dedicado à origem do homem, mas não o fez sobre o argumento do excessivo número da obra. Huxley, membro respeitado da comunidade científica da época, que se tornou o “cão de guarda de Darwin”, publicou, em 1863, a obra *Do Lugar do Homem na Natureza*, um dos primeiros tratados científicos de Ecologia Humana.

Em 1871 Darwin escreve a clássica obra *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*, onde defende que o Homem como todas as outras espécies, descende de alguma forma preexistente. Escreve: *O corpo do homem é construído sobre o mesmo plano homólogo que o dos outros mamíferos*. No Prefácio dessa obra diz:

Declarei, desde a primeira edição do meu livro *A Origem das Espécies*, e de forma bastante clara, que uma grande parte dessas mudanças deve ser atribuída aos efeitos hereditários do uso e desuso, tanto a respeito do corpo como da mente. Também atribuí uma parcela dessas mudanças à ação direta e prolongada das

alterações nas condições de vida. Foi apenas quando descobri que diversos detalhes da estrutura humana não podiam ser explicados por seleção natural, que inventei a seleção sexual.

Nessa obra Darwin vai concluir que as diferenças entre as “raças” humanas não podem ser atribuídas à seleção natural e, necessariamente, não dependem da luta pela sobrevivência, mas das disputas dos indivíduos de um sexo, na maioria das vezes os machos da mesma espécie, para ter domínio e posse do outro sexo. Nessa luta, aqueles mais aptos a ocuparem seu lugar na natureza, deixam maior número de descendentes, ou seja, o que está em jogo é a luta permanente entre os machos pela posse das fêmeas, estas, passando a fazer, também, escolhas estéticas para se oferecerem à reprodução.

Em *A Origem do Homem* Darwin também buscou escrever sobre a história natural da mente. Um ano depois, em 1872, publicou *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*. Estas duas obras constituem-se seu grande tratado sobre o homem, sobre a natureza humana. É desse novo que parte das ciências contemporâneas interessadas no humano vão desenrolar suas teorias.

## NASCEMOS DESPEDAÇADOS

O que existia quando não existia nada? Há mais de 14 bilhões de anos, começa a aparecer a existência, produto de uma explosão que estraçalhou o nada, o caos, conforme relatos das grandes ciências. *No início do tempo, todo o espaço, toda a matéria e toda a energia do universo conhecido cabiam dentro da cabeça de um alfinete* (TYSON, 2015). A existência abrigava-se no espaço que continha todas as coisas: O corpo de Deus.

O universo é infinito, não tem paredes. Ele se recria canibalizando-se. Nele situa-se nossa galáxia, a Via Láctea, onde está estimada a existência de até 400 milhões de planetas e uma quantidade de estrelas na casa dos 100 a 400 bilhões<sup>16</sup>.

Importante observar que, nessa noite escura das origens, a grandeza física que chamamos de massa ainda não existia. Todo o nada era apenas vazio, em processo de expansão. Em 1964, o físico britânico Peter Higgs levantou a hipótese da existência da menor unidade de onde tudo surgiu, que passou a ser conhecida por *bósson de Higgs*, intuindo explicar a origem da massa das partículas subatômicas, popularmente chamada de *a partícula de Deus*. Queria mesmo tatear o menor pedaço de tudo que existe.

Durante décadas, essa hipótese foi tratada apenas no campo teórico. A partir do funcionamento do Grande Colisor de Hádrons (LHC), equipamento ultramoderno, uma das *novas tecnologias fantásticas*, como apelidou Hawking (2015), foi possível provar a sua existência em 14 de março de 2013, rendendo-lhe o prêmio Nobel de Física.

Apesar de estarmos falando de uma teoria que segue outra direção em relação ao Criacionismo, foi o padre e astrônomo Georges Lemaître quem primeiro levantou a ideia de que o universo estava em expansão, base que deu origem à teoria do Big Bang, termo criado por seu crítico Fred Hoyle, ao acusá-lo de estar fazendo uma pseudociência<sup>17</sup>. A revista *Enigmas do Universo* (2015) apresenta a seguinte síntese para o que aconteceu após o Big Bang:

Surge uma espécie de sopa com elétrons, quarks e outras partículas elementares. O espaço começa a resfriar rapidamente. Quarks

---

<sup>16</sup> Revista Enigmas do Universo, ano 1, n. 1, 2015.

<sup>17</sup> Revista Enigmas do Universo, ano 1, n. 1, 2015.

forma prótons e nêutrons. O Universo torna-se uma névoa superquente. Elétrons e prótons muito quentes impedem a emissão de luz. Formam-se Hidrogênio e Hélio, chamados de elementos leves. Com o resfriamento do Universo, os elétrons e nêutrons conseguem se manter unidos aos núcleos atômicos. Assim, surgem os primeiros átomos de Hidrogênio, Hélio e Lítio. É a era da formação de galáxias. Hidrogênio e o Hélio formam nuvens gigantes, que se transformam nas galáxias e estrelas. As primeiras mortes de estrelas produzem os elementos pesados, que se transformam em novas estrelas e planetas.

Desses acontecimentos, pedaços que foram se juntando, num tempo de 7 bilhões de anos (TYSON, 2015), deram origem ao nosso sistema solar. Esta estrela rei, o Sol, que teve importância singular para a origem da vida, orbita o centro de uma vasta coleção de estrelas as quais chamamos de nossa galáxia (HAWKING, 2015).

Por volta de 4,5 bilhões de anos (TYSON, 2015), pedacinhos de rochas e uma grande quantidade de poeira, atraídos pela mágica da gravidade, foram moldando o que seria, no futuro, nossa casa, a Terra, num cantinho, numa órbita, onde sua atmosfera pode sustentar os oceanos, berço da vida.

As culturas humanas, acredito que também as plantas e os animais, e todas as outras formas de sensibilidade, constroem suas percepções sobre toda a origem. A grande cicatriz da humanidade, em particular, é a criação mítica dos seus próprios mitos da criação. Em grande parte, devemos a esses modelos os grandes passos da ciência para pensar a origem da vida, por exemplo, *a obrigação de orar na hora certa levou os árabes ao desenvolvimento do calendário e, portanto, da astronomia* (ROONEY, 2013).

Stephen Hawking, no seu livro *Uma Breve História do Tempo* (2015), lembra-nos das amarguras que Galileu passou nas mãos da Igreja Católica, por se opor a essas narrativas religiosas sobre o universo. Nesses tempos de reconhecimentos de culpas e de arrependimentos vividos pelo Vaticano, ele foi convidado, com outros especialistas, para tratar de cosmologia, pisando nas cinzas dos ossos, da pele e da alma de Giordano Bruno.

Ao invés de aconselhar, foram aconselhados a apenas tratar da evolução do universo após o Big Bang que, segundo a encíclica papal, era o momento da Criação. Aliviado, escreveu: *Fiquei feliz por ele não saber o assunto que proferir: a possibilidade de que o espaço-tempo fosse finito mas sem contorno, o que significa que não teve um início, um momento de Criação... o universo seria completamente encerrado em si mesmo e não poderia ser afetado por nenhum fator externo. Não seria criado nem destruído. Apenas seria.* Mas dos caminhos pisados pela Igreja Católica, o momento atual de sua história, tem um papel decisivo nos debates sobre a vida, sobre a existência humana e de todos os seres. A encíclica ecológica publicada pelo Papa Francisco, traduz-se como um ético convite à necessária conversão ecológica que a Terra reclama. Para mim é o melhor texto sobre Deus.

Tudo até aqui é “não vida”. Tomando um postulado de Heidegger (1999), “a pedra é sem o mundo”, como bem analisou Miller (1999) nas suas conferências *Elementos de Biologia Lacaniana*. Sobre a origem da vida, do nosso corpo, questiona-se se ele deriva da não vida, de forma espontânea, como observamos nas teses abiogênicas de Aristóteles (384-322 a.C.). Pensa-se que combinações entre carbono, hidrogênio, nitrogênio e oxigênio deram origem a diferentes formas de vida na Terra. Num outro caminho, a tese

formulada pelo biólogo italiano Francesco Redi (1626-1697) trouxe a ideia de que a vida só poderia ser gerada através de outra vida preexistente (biogênese), ratificada por Luiz Pasteur, no século XIX.

Darwin (2009), ao pensar em sua teoria da evolução, não se dedicou a saber sobre a origem da vida, que nomeou como o *mistério dos mistérios*, mas a como ela evoluiu, seus processos de transformação e de adaptação em decorrência das exigências do meio. Queria descobrir um núcleo comum de onde todas as formas de vida surgiram. As evidências fósseis associadas às leituras do DNA, considerada a segunda maior descoberta da Biologia desde a poderosa teoria evolucionista de Darwin, na contemporaneidade, têm demonstrado a força e a veracidade de suas teorias. Diz Capra (1998):

Avançando em direção a níveis cada vez menores em suas explorações dos fenômenos da vida, os biólogos descobriram que as características de todos os organismos vivos — das bactérias aos seres humanos — estavam codificadas em seus cromossomos na mesma substância química, que utilizava os mesmos caracteres de código. Depois de duas décadas de pesquisas intensivas, os detalhes precisos desse código foram decifrados. Os biólogos tinham descoberto o alfabeto de uma linguagem realmente universal da vida.

O *Projeto Genoma Humano* do National Institutes of Health (NIH), implantado desde 1990, promoveu a decodificação dos 23 pares de cromossomos humanos, um importante sistema bioquímico, o alfabeto da carne e espírito humanos, a pedra de roseta do corpo, mudando para sempre a história dessa espécie e, por tabela, de todas as outras. Nosso corpo escreve o corpo do lince e do ébano.

Vivemos a era da concretização da possibilidade de modificação do DNA humano, antes uma escrita do corpo inacessível, hoje, um

alfabeto conhecido, onde estão todas as nossas informações genéticas que, a partir de procedimentos técnicos específicos (CRISPR<sup>18</sup>) é possível alterar essa estrutura integrante das células. A fabricação humana, pessoas geneticamente modificadas como já observamos plantas e animais, é uma realidade. Apesar de já terem sido publicados experimentos com seres humanos, a comunidade científica tem sido cautelosa na autorização dos experimentos de edição genética. Atualmente o que é permitido é a seleção de embriões. A Engenharia Genética promoveu a grande revolução científica do século XXI.

A ciência tem comprovações da existência de bactérias unicelulares nas rochas a partir de um tempo de 3,5 bilhões de anos (MARGULIS, 2001). Se a vida veio dessas bactérias, suponhamos, se elas originaram-se na Terra, somos seres terrestres. Caso tenham vindo de outros lugares do universo, devemos nosso aparecimento, aqui, às formas de vidas de outros lugares do Cosmos. Essas bactérias sobreviveram às glaciações da Terra e evoluíram, nas profundezas dos oceanos, para organismos pluricelulares, datados de 1,8 bilhões de anos, aproximadamente (NEVES, 2008:30), dos quais todas as formas de vida derivaram. Tudo na Terra são legumes da grande sopa química cozida nas brasas de suas fendas.

Teorias evolucionistas sobre nossa origem, particularmente a obra de Darwin (2009), descrevem as algas verde-azuladas, denominadas de cianofíceas, de tempos próximos a 3,5 bilhões de anos (MARGULIS, 2001), como a razão para o aparecimento da vida nos oceanos que, depois, deslocou-se para a terra e para outros ambientes.

---

<sup>18</sup> Técnica desenvolvida pelas pesquisadoras Jennifer Doudna, da Universidade de Berkeley, EUA, e Emmanuelle Charpentier, da Universidade Pierre e Marie Curie, França, que funciona como uma tesoura precisa capaz de cortar o DNA humano.

Já se tem notícias de que os primeiros animais apareceram por volta de 575 milhões de anos (NEVES, 2008:30), e as primeiras formas vegetais, os musgos, já estavam na Terra por volta de 400 milhões de anos (ÁVILA-PIRES, 1983), quiçá, nos mistérios da criação, já tivéssemos a presença e a beleza das flores encantando a existência.

Os insetos sociais que governam o ambiente terrestre já estavam por aqui há 100 milhões de anos. Os cupins datam de 220 milhões, as formigas de 150 milhões e as abelhas de 80 milhões de anos atrás (WILSON, 2013).

Mas, até aqui, não há notícias da presença humana. Os primeiros primatas, ordem zoológica a qual pertencemos, já estavam nas florestas tropicais do mundo há 55 milhões de anos (NEVES, 2008:31), entretanto, os grupos mais específicos de primatas, hominínios, dos quais somos descendentes diretos, só apareceram por volta de 7 milhões de anos na África quando deixaram a vida quadrúpede e se tornaram bípedes (NEVES, 2008:31). Essa estratégia de bipedia, no processo evolutivo da espécie humana, segundo Darwin, está associada à necessidade do uso de ferramentas para caça. Assim, *a bipedia teria liberado as mãos e facilitado o carregamento e o uso de armas, e estaria associada à diminuição dos caninos* (GRATÃO, 2015).

Reverendo os rumos da evolução da espécie humana observamos como as mãos abertas e livres operaram parte desse milagre. Isso celebram os mudras. Segundo Leloup (2014): *se tenho um relógio em minha mão e a mantenho fechada, tenho um relógio e não tenho mais mão*. Hoje corremos o risco de experimentarmos a calcificação de uma civilização sem mãos.

Vemos, aqui, que o corpo humano vai ser produto de uma resposta ao ambiente. Esses nossos ancestrais mais primitivos tinham hábitos arborícolas. Nosso corpo, com essa arquitetura que chamamos de *Homo sapiens*, nossa condição humana atual, moderna, só teve origem por volta de 200 mil anos, ou seja, bem recentemente, 65 milhões de anos após a extinção dos dinossauros (LOPES, 2015). Foi somente com o fim da era dos grandes répteis que a nova caminhada evolutiva dos mamíferos, que não foi linear nem progressiva, de onde viemos, iniciou-se. Dessas suas interações ecológicas, surgirão diferentes espécies:

O surgimento de novas espécies ocorre principalmente por seleção natural, causada por pressões ambientais que levam populações a se adaptarem a mudanças em seu habitat. Duas ou mais populações de uma única espécie podem sofrer essas pressões de formas diversas e, com isso, acarretar em diferenciações que, se significativas, levam a se diferenciarem em espécies distintas (GRATÃO, 2015).

Qual é o papel da adaptação na construção do corpo e da alma humanos? Além dos destinos genéticos, observamos que a luta pela sobrevivência, frente aos determinantes ambientais, tem papel decisivo nesse processo de organização e de evolução. Entretanto, como afirma Moran (1994), *raramente se exploram as formas complexas através das quais os seres humanos adaptam-se ao ambiente por meio de mecanismos não-biológicos.*

Para Moran (1994), mesmo a adaptação genética é uma resposta às circunstâncias ambientais. No geral, diz que a adaptação humana é decorrente da *exposição a fatores físicos e químicos existentes no ambiente, da interação com outras espécies e da interação com outros indivíduos da mesma espécie.*

Dawkins (2007), no seu livro *O Gene Egoísta*, sustenta a tese de que *nós, e todos os outros animais, somos máquinas criadas pelos nossos genes*. Em todo o seu trabalho, costura as bases de uma lei, para ele, fundamental, a qual chama de *o egoísmo do gene*, dando a este universo, que chama de *seleção do gene*, o protagonismo para a história e para o comportamento da espécie humana e das outras formas de vida. Exemplifica sua tese com o comportamento canibalista da fêmea do louva-a-deus que, no período de acasalamento, come o macho, começando por lhe cortar a cabeça. De fato, não tem nada de altruísta nesse comportamento.

Para Wilson (2015), a natureza humana é decorrente da *evolução genética e da evolução cultural*. Questiona: *Podemos então perguntar, ser governado por genes se mudanças culturais podiam alcançar o mesmo resultado em tão pouco tempo?* Responde: *A evolução cultural tende a encobrir a evolução genética*. Cita, como exemplo do processo de coevolução gene-cultura, o desenvolvimento da tolerância à lactose (açúcar do leite) nos adultos, pois a enzima que transformava a lactose em açúcares digestivos era presente apenas nas crianças. Essa capacidade orgânica do corpo é situada como uma estratégia decorrente do aparecimento do pastoreio, desenvolvido entre 9 mil e 3 mil anos atrás, o que tornou possível o consumo permanente do leite.

Aos poucos, vamos descortinando a história do corpo da espécie humana, que se fabrica nos seus destinos genéticos e culturais. A ciência ainda está tateando sobre o peso que é dado a cada um desses galhos da nossa evolução.

Novas teorias sobre a origem da humanidade começaram a ganhar força com a descoberta de novos fósseis em diferentes

partes do mundo. A tese de Darwin, de que a espécie humana também tinha surgido a partir da seleção natural, estando submetida às leis da natureza como as outras espécies de animais e plantas, a cada dia, torna-se mais convincente. Darwin foi o primeiro pesquisador a sugerir que a humanidade tinha vindo da África. *Foi no centro da África que o mais antigo fóssil de um possível ancestral da humanidade encontrado até o presente, que viveu há 7 milhões de anos, foi descoberto em 2001, no deserto de Djurab, no Chade* (GRATÃO, 2015).

Só podemos pensar nesse nada, de onde vem tudo do nosso ser, como uma superfície despedaçada. Esse vidro estilhaçado da existência produziu objetos infinitamente intocáveis. Moramos numa Casa (Terra) feita de corpos em pedaços. Nossa vida se resume em tentar juntar esses cacos pela via do discurso, da linguagem, mas é aí onde o *impossível permanece*<sup>19</sup>. Esse objeto da totalidade não pode ser experimentado como um caco, mas como um platô, ou seja, um *pedaço de imanência*<sup>20</sup>.

Segundo Neto (2015), *a origem do gênero Homo é localizada na África e a dispersão desses primeiros Homo ocorreu por volta de 1,8 milhão de anos atrás. Apesar do gênero Homo ser definido de muitas maneiras, traços como o crescimento do cérebro, o uso de instrumentos e a anatomia do esqueleto indicando uma locomoção bípede semelhante à dos humanos modernos são os que têm sido usados para definir nosso gênero. O registro do primeiro gênero Homo é datado de 2,4 milhões de anos, a partir de fósseis antigos achados na Etiópia* (NETO, 2015).

---

<sup>19</sup> Expressão de Marcelo Veras no IV Encontro de Psicanálise do Vale do São Francisco (2015).

<sup>20</sup> Deleuze e Guattari (2012).

A partir de achados fósseis na África, são atribuídas datações de 2,4 milhões de anos para o aparecimento do *Homo habilis*, considerando sua capacidade de fabricar instrumentos, e de 1,8 milhão de anos para o *Homo erectus*, no qual se percebe uma grande mudança morfológica (NETO, 2015). A diáspora dessas espécies do continente africano está relacionada ao aumento do volume cerebral, modificações na estatura do corpo, com braços mais curtos e pernas mais longas, adaptadas a grandes caminhadas com menor gasto energético. Como prova dessa iniciada aventura de dispersão pelo mundo, os primeiros fósseis encontrados fora da África datam de 1,8 milhão de anos (NETO, 2015).

Fenômenos indicados para o sucesso da aventura dos humanos pelo mundo foi o controle do fogo feito pelo *Homo erectus*, datado de 1,5 e 1 milhão de anos atrás, bem como a construção de abrigos de pedra e de galhos com datas estimadas de 380 mil anos (NETO, 2015). Uma outra espécie humana que conseguiu chegar e viver na Euroásia, entre 350 e 39 mil anos, foram os nossos parentes próximos, os neandertais (TANAKA, 2015)

Quantas espécies humanas estiveram na Terra, mas foi apenas a nossa, de *Homo sapiens*, que acabou colonizando todo o Planeta. Todos os outros humanos arcaicos foram extintos. Recentemente um conjunto de fósseis encontrados num agrupamento de cavernas na África do Sul, conhecido como Rising Star (Estrela Ascendente), pela equipe do paleoantropólogo norte-americano Lee Berger, trouxe novas reflexões sobre a origem humana. O fóssil humano nominado de *Homo naledi* (estrela na língua local onde foi encontrado), segundo Berger, *não era um ser humano. É um animal que parece ter tido a capacidade cognitiva de se reconhecer como separado da natureza* (SHREEVE, 2015).

Hoje somos mais de 7 bilhões de pessoas superpovoando os diferentes cantos do mundo, podendo atingir a casa dos 9 bilhões em 2025. Quais as razões para esse fenômeno? *Os Homo sapiens deixaram a África pela primeira vez há cerca de 120 mil anos e se instalaram onde hoje é Israel durante 30 mil anos* (TAKANA, 2015). *O fóssil mais antigo da nossa espécie foi encontrado na Etiópia e foi datado em cerca de 200 mil anos* (ALLAN, 2015).

Diferentes teorias destacam os aspectos para o sucesso dos *Homo sapiens*: a evolução de um cérebro maior, a fabricação e o domínio de tecnologias diversas, tanto para caça quanto para lutas tribais que permitiam matar os inimigos, bem como as mudanças climáticas. Para Marean (2015) nenhuma dessas hipóteses oferece uma teoria abrangente capaz de explicar plenamente a extensão do alcance do *Homo sapiens*. Diz:

Acredito que a diáspora ocorreu quando um novo comportamento social evoluiu em nossa espécie: uma propensão geneticamente codificada para cooperar com indivíduos não aparentados. O acréscimo dessa tendência única às avançadas habilidades cognitivas de nossos ancestrais permitiu que eles se adaptassem agilmente a novos ambientes. Isso também fomentou a inovação, dando origem a uma tecnologia revolucionária que mudou tudo: armas avançadas de longo alcance. Equipados assim, eles partiram da África, prontos para subjugar o mundo inteiro de acordo com sua vontade.

Mas qual a natureza da humanidade? A essência natural da espécie humana é cooperar ou dominar? Parte dos relatos científicos vão apontar que a natureza humana é competitiva e, na maioria das vezes, embasam-se nas teorias de Darwin. Essa tese é desmontada nos relatos de grandes cientistas observados no documentário de Tom Sahdyac (2012):

Quando Darwin escreveu *A Descendência do Homem* ele mencionou 2 vezes a sobrevivência do melhor, e mencionou 95 vezes a palavra **amor**. Ele falou bastante sobre comportamento

como contribuição e colaboração. Ele descobriu nos mamíferos uma certa linhagem, como ele mesmo diz, sobre a ética da reciprocidade para grandes ideais religiosos. O modelo é tanto cooperativo quanto competitivo. Darwin foi interpretado e popularizado por Huxley que tinha uma visão sombria da natureza humana e realmente destacou a ideia que o mundo natural era uma anarquia do forte pisando no fraco e isso criou uma visão distorcida que segue até o presente (MARC LAN BARASCH).

As pessoas não sabem disso, mas em 1871 Darwin escreveu o 1º. livro sobre a natureza humana e ele disse que quando você pensa sobre como evoluímos como espécie, não somos rápidos, não somos fortes, não temos grandes presas, não temos a massa muscular que os nossos parentes primatas têm. Nós temos a habilidade de cooperar e cuidar uns dos outros. E ele disse que a piedade é o instinto mais forte da natureza humana. E, infelizmente, as pessoas que o popularizaram ignoraram essa parte de Darwin. Há realmente razões profundas, sobrevivência, razões relacionadas à reprodução explicando o motivo pelo qual evoluímos para sermos bons aos outros (DACHER KELTNER).

A tese sustentada pelo Prof. Marean (2015), como ele mesmo escreve, ratifica a ideia de que ***a cultura é capaz de substituir até os mais arraigados instintos biológicos.***

Não só o corpo mas também a alma humana levaram milhões de anos para evoluírem. Podemos seguir o caminho das teorias evolucionistas do corpo para explicar a nossa espécie sem olharmos para os passos que caracterizam suas relações com as transformações da mente.

Engels (1997), na sua obra *Dialética da Natureza*, afirma que é precisamente a alteração da natureza pelos homens, e não a natureza enquanto tal, que constitui a base mais essencial e imediata do pensamento.

Mithen (2002), na sua obra *A Pré-História da Mente*, descreve a mente como algo intangível, uma abstração. Nesse trabalho, remonta a um tempo de seis milhões de anos, os quais, para ele, *testemunham uma especialização mental cada vez maior, com a adição das inteligências naturalista e técnica, e mais tarde a linguística, a inteligência social do ancestral comum do homem e dos grandes símios vivos*. Destaca que a evolução da mente está embutida na evolução do cérebro, conseqüentemente, do corpo em geral. Escreve: *a evolução da expansão cerebral é chamada processo de encefalização e podemos ver que ela começa com esses primatas de 56 milhões de anos*.

Até aqui, não se falava desses humanos com alma, com um saber sobre seu corpo, com sua capacidade de simbolização. Apesar de Mithen (2002), para falar da mente humana, retroceder a um tempo de seis milhões de anos, a origem da alma humana, em alguns discursos da paleoantropologia, data de 45 mil anos atrás:

Em outros termos, a simbolização, ou a propriedade de atribuir sentido e valor abstrato às coisas, traço marcante da nossa espécie hoje, esteve completamente ausente durante boa parte da existência evolutiva do homem moderno. A modernidade, até bastante recentemente, circunscreveu-se ao anatômico, à aparência física... Em síntese, foi só a partir do Paleolítico Superior que nos tornamos seres conscientes, capazes de representar o mundo exterior e a nós mesmos (NEVES, 2008:54).

Geertz<sup>21</sup> destaca que o grande cérebro do *Homo sapiens* só foi possível após o desenvolvimento de uma cultura complexa, reafirmando que a hominização biológica foi necessária para a elaboração da cultura, mas a emergência da cultura foi necessária para a continuação da hominização até o *neanderthal* e o *sapiens*.

---

<sup>21</sup> Edgar Marin, 2012.

A paleoantropologia interpretou o comportamento humano a partir da sua coleção de ossos. O aparecimento desses processos cognitivos complexos está associado ao aumento da região do neocórtex cerebral. A *revolução criativa* descrita por Walter Neves, seus mistérios, esconde-se nas modificações neurológicas e subjetivas do *Homo sapiens*, dentre elas, a experiência com o seu estado de morte. Aqui, Neves anuncia que o humano não é mais feito de ossos e carnes, apesar de todas as partes do seu corpo estarem ligadas pelo sistema nervoso ao córtex cerebral. O homem é mais que o seu corpo, não é somente um organismo. Sua vida, agora, inclui também a morte.

O *Homo sapiens*, já moderno morfologicamente e dotado de uma capacidade simbólica ímpar, passou a manipular plantas e animais de modo a torná-los fontes cada vez mais eficientes de alimentos e de artefatos para o seu uso. As primeiras domesticações, o surgimento da agricultura e a emergência de sociedades complexas darão o tom principal sobre este que poderíamos chamar de mais um passo sem volta na história da humanidade (MURRIETA, 2015).

Dentre tantas transformações vividas pelos *Homo sapiens*, o seu processo de sedentarização talvez seja, em sua escala evolutiva, um elemento que vai marcar, para sempre, a história dessa espécie. Murrieta (2015) diz que *o que se pode afirmar é que, entre 10.000 e 2.000 a. C., em diferentes lugares do Globo, houve um rompimento com o modo de vida nômade-caçador-coletor, dando lugar a populações agrícolas em crescente expansão, desdobrando-se para o aparecimento das cidades por volta de 4.000 a. C..* O espírito nômade da espécie humana enraíza-se. Novos fenômenos culturais vão reativar as migrações humanas na atualidade, como estamos observando a trágica diáspora forçada para a Europa, que já ultrapassa a casa de mais de 1 milhão de pessoas. Em 1995, havia 25 milhões de refugiados ambientais e 27 milhões de refugiados políticos ou de guerras. Até 2020, o número de refugiados

ambientais chegará a 50 milhões. Nos próximos 30 anos, 200 milhões de pessoas deixarão seus lugares<sup>22</sup>.

Sobre o aparecimento do que indicamos ser a subjetividade, a capacidade de simbolização, a alma, bem como as complexas habilidades sociotecnológicas e as mudanças nos hábitos alimentares, que permitiram a sobrevivência da única espécie humana restante, o *Homo sapiens*, estudos, como o de Wong (2015), mostram que a gênese dessas capacidades humanas podem ser percebidas, também, entre os *Homo erectus* há cerca de 500 mil anos e, sobretudo, entre os *neandertais*, nossos primos que viveram na Eurásia entre 350 e 39 mil anos. Por exemplo, entre 90 mil e 40 mil anos atrás, esses nossos primos extintos desenvolveram a tradição de extrair garras das águias, não para arrancar a carne, mas os ossos, pois *eles exploravam as águias por razões simbólicas, provavelmente para se adornarem com as impressionantes garras, em vez de motivos alimentares*, nos revela Wong.

Uma coincidência nas linhas que separam evolução e criação: viemos do barro! A palavra *Adão*, primeiro humano para os criacionistas, quer dizer *terra ocre* (LELOUP, 2014). Somos uma coxa de retalhos, pedaços do improvável: nada, em seguida, poeira cósmica, lama e, só depois, corpo, no qual trazemos, tatuada na pele, essa memória, na Psicanálise, apelidada de *falta biológica*, que aponta para desde os objetos naturais perdidos, como as membranas que envolvem o feto, ou, mesmo, os cromossomos perdidos na meiose, até o ser que se fez corpo pela linguagem, na cultura. Falamos, aqui, de um órgão mítico perdido, invenção lacaniana.

Saindo dos ossos, vamos em busca das consequências dessa

---

<sup>22</sup> BLANC, Claudio. Refugiados Ambientais. In: **Guia Aquecimento Global**. São Paulo: 2015.

capacidade de imaginar e de simbolizar que desenham o homem moderno agora, para além da sua pele, e que Freud denominou *O Deus com Próteses*. Nessa direção, Marcela Antelo (1994), no seu texto *O Corpo se Anima*, afirma que *é a tecnologia que nos define como humanos, e não a estrutura obsoleta da carne*.

Vivemos a era em que os debates trans-humanistas e da antinaturalidade (pós-naturalidade<sup>23</sup>) ganham as cenas das ciências contemporâneas. A fabricação artificial do homem, as técnicas de manipulação da matéria e as sólidas bases da biologia sintética há muito deixaram de serem páginas dos livros de ficção científica para serem as ferramentas das novas engenharias da evolução, compondo a alma da tecnosfera, estruturando a era pós-humana. Por exemplo: *Já se sabe fabricar glóbulos vermelhos artificiais muito mais eficazes no armazenamento de oxigênio nos nossos tecidos do que esses com que a natureza nos dotou* (DUPUY, 2008). Pesquisadores de diversas partes do mundo já fabricam o maior órgão do corpo humano: a pele. Nuvens mecânicas que fazem chover, árvores artificiais que absorvem gás carbônico, células sintéticas, são componentes das tecnologias verdes contemporâneas.

Breton (2012) destaca a admiração, diria mesmo, o estado de excitação, como foi o tempo em que Jacques Testart conseguiu fazer o congelamento de embriões humanos, instituindo a metáfora de um morto-vivo (a vida adormecida no gelo pode ser acordada como acontece aos escorpiões), diferente das crenças místicas, transpessoais, diante da possibilidade que será, um dia, a gravidez artificial com uma placenta e uma incubadora artificiais, que tanto alegra homens que sonham em também dar a luz.

---

<sup>23</sup> Trabalhos com organismos geneticamente modificados.

Apesar da sua hegemonia, ainda temos grandes desafios em pensar o lugar do corpo no discurso médico. O transplante de órgãos, por exemplo, depara-se com questões de ordem religiosa, ética, política, econômica e cultural. Temos pela frente a realidade do transplante de cabeça, o domínio das tecnologias para congelamento dos corpos, as experiências de quase morte, entre outras, que trazem novos desafios à naturalização da doação de órgãos e tocam no sonho humano da imortalidade. É mais uma das cenas nos processos da manipulação do corpo. Em síntese, trata-se de uma questão ecológica, simbiótica: o que do morto vive no vivo?

Tratando-se do corpo humano ainda não somos capazes de alterar o nosso processo de envelhecimento. Não conseguimos suspender as atividades das nossas células, nem podemos parar de respirar sem afetar nossos órgãos, como acontece com outros organismos na natureza a exemplo de embriões de camarões (*Artemia franciscana*) que podem viver mais de cinco anos sem nenhum alimento, água ou oxigênio. Alguns órgãos usados para transplante, como coração e pulmões, podem sobreviver fora do corpo por apenas seis horas, outros como pâncreas e rim, não vão além de um dia (ROTH, 2012).

O corpo envelhece, enferruja-se, decompõe-se. O envelhecimento do corpo, de motivações multifatoriais, pode ser observado a partir do desgaste dos tecidos, da diminuição das reservas regenerativas do sistema nervoso e imunológico, do envelhecimento das células, entre outros. Para alguns, trata-se de um estado natural do corpo; para outros, de uma condição patológica que precisa ser tratada como uma doença. A senilidade já é classificada como uma patologia no Código Internacional de Doenças (CID-10). Para sua próxima versão, há uma campanha internacional para que o envelhecimento seja classificado como doença.

A pós-ecologia, que inclui o pensamento sobre a dimensão artificial da natureza, produzida por grandes revoluções no campo das ciências baseadas na ciberneticização e nos usos das tecnologias da informação digital, como a biotecnologia, a nanotecnologia e a robótica, está diante de um tempo em que as máquinas, como foi sempre o papel da natureza, vêm se tornando os engenheiros da evolução (DUPUY, 2008), estes, o braço mecânico de Deus. Voltaire afirmou, certa vez, que *Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, este pagou-lhe na mesma moeda*. São novas configurações éticas que dizem respeito à invenção do homem pelo próprio homem.

A *tecnologia natural* é questão chave nos debates ecológicos do futuro, para o bem e para o mal. Por exemplo, o uso de animais como coelhos, cães, galinhas, bois, ratos, pombos, macacos, entre outros, para testes de medicamentos, cosméticos e um infinidade de experimentos científicos direcionados para a espécie humana, tem desencadeado intensos debates no campo da bioética. Estes animais após os experimentos são eutanasiados. Em todo o mundo há leis normatizando e proibindo estes procedimentos. Como alternativa a esta questão corpos *humanos computacionais* (corpo-chip, corpo-máquina) estão sendo construídos para possibilitar a aplicação desses testes e diminuir a morte dos animais. Um exemplo dessa alternativa é a tecnologia *Human on a chip* (o ser humano em um chip) da empresa alemã Tissuse, que usa dispositivos que reproduzem diversos procedimentos biológicos de órgãos humanos. Trata-se de um chip *multi-órgão*, um *dublê do corpo* (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, 2014, N. 162).

*Não somos filhos de chocadeiras*. Essa frase, estampada num jornal<sup>24</sup> de base religiosa protestante, sintetiza parte dos intensos debates sobre

---

<sup>24</sup> Adnews, agosto de 2015.

a concepção de família no Brasil. Na matéria, um pastor combate a arguição de Toni Reis, importante ativista dos direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), sobre o reconhecimento das famílias homossexuais. O pastor diz que o ser humano só pode ser concebido a partir da união dos gametas de um homem e de uma mulher, mesmo nos casos de reprodução assistida, o que deságua no reconhecimento da origem hétero da humanidade. Sintetiza: *Isso é próprio da natureza da reprodução humana*. Conclui a matéria dizendo que *a homossexualidade é um comportamento sexual e afetivo que não tem o condão, a capacidade de ser fundamento da família, e muito menos de sua perpetuação*. Inspirado nas narrativas bíblicas (Rm 1.26,27; 1Co 6.10; 1Tm 1.9,10), fala que não se deve incorrer na prática sexual entre pessoas do mesmo sexo. Ou seja, para o pastor, ancorado numa noção de verdade absoluta sobre a condição humana, nosso país não deve proceder ao reconhecimento da família homossexual, traduzida por um sentido de uma natureza natural.

A capa das ciências modernas mostra como a tecnologia é, hoje, a carne do corpo. Seus ossos, o espírito das máquinas. Nesse aspecto, todo arcabouço sobre o homem moderno vai na direção do que escreveu Descartes (2005): *O corpo anima a alma*. O humano, gradativamente, ganha estatuto de sintético e, dramaticamente, a sua subjetividade some do seu corpo, cujos pedaços são pinçados pelos bisturis da era contemporânea.

Em 2013, segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica (ISAPS), 9,6 milhões de pessoas recorreram a procedimentos cirúrgicos para melhorar a obra de arte genética ou para frear a ação do tempo sobre o corpo<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> KEDOUK, Marcia. **O Livro Proibido do Sexo**. São Paulo: ABRIL, 2015.

O homem *normal* é aquele cujo corpo adapta-se, excessivamente, ao meio. A indisciplina corporal frente às exigências do mundo, a rebeldia estética do humano na sua direção ao inumano, ao pós-humano, faz questões a essa relação entre um corpo dócil, domesticado, em sua incerta aventura evolutiva, e a selvageria latente da espécie de hominídeos que chegou até os dias atuais.

Essas novas zonas corpóreas, tradutoras das formas de relações das pessoas com o mundo, vêm, para campos das ciências ancoradas nas leituras orgânicas do humano, dos seus pedaços cerebrais. Por exemplo, da área superficial de massa cinzenta, processam-se as informações; da área de Broca, elaboram a linguagem, da amígdala, elaboram suas emoções e motivações (WONG, 2015), sem falar da capacidade de síntese de toda a dimensão mágica, mística, transcendental e espiritual da glândula pineal.

É preciso ter muita alegria para imergirmos nesse novo jeito de pensarmos o humano, como fez o apaixonado por motos, o médico norte-americano Oliver Sacks (2015), que, durante a vida, dedicou-se em popularizar a neurociência. Também, diante da minha mesma surpresa de que **a cor não existe na natureza**, disse: *Apenas na hora de escrever é que vim a entender como a cor pode ser; de fato, uma construção (cérebro-mental). Começara a me indagar se o cérebro também não construiria analogicamente todas as qualidades perceptuais.*

Essas construções edificam o império do saber das neurociências na atualidade e alimentam os círculos dos obcecados pelos neurônios, embora, até hoje, *pouco se sabe como os genes afetam os pensamentos em nossa própria espécie, porque não sabemos quase nada sobre a cognição humana* (WONG, 2015). Objetivando analisar o conjunto dos processos cognitivos trabalhados pelas neurociências na

contemporaneidade, Lionel Naccache (2008), buscando negar a identidade do sistema inconsciente de Freud, estruturou a ideia de *inconsciente cognitivo*, no qual é determinante o fato de a realidade mental consciente, que diz ser a base do erro de Freud quando tentou ultrapassá-la, ficando as bases do inconsciente, organizar-se como um universo ficcional que construímos à luz da realidade objetiva, mas que preexiste a ela e não se resume a ela.

Independente de serem processos conscientes ou inconscientes, sabe-se que o **sujeito** humano nasce a partir dessas novas determinações simbólicas. Essas são as fontes de sua subjetividade enquanto ser humano, que sai da animalidade para a humanidade, quer como *erectus*, *neandertais* ou *sapiens*. Isso vai na direção do que diz Miller (2004:50): *Para o animal se justifica identificar seu ser e seu corpo, enquanto essa identificação do ser e do corpo não se justifica para o homem, por mais corporal que seja, corporificado, ele é também sujeito feito pelo significante, quer dizer que, que é feito da falta de ser.*

Lévi-Strauss (1989), no seu livro *Pensamento Selvagem*, vai dizer que, se pensados apenas pela dimensão biológica, os humanos podem ser analisados como espécie de animal ou vegetal qualquer. Destaca, das suas formas de sociabilidade, da cultura e das suas dimensões simbólicas, as razões de sua condição enquanto humano. Escreve: *A vida social opera uma estranha transformação nesse sistema, pois incita cada indivíduo biológico a desenvolver uma personalidade, noção que não evoca mais o espécime dentro da variedade mas antes um tipo de variedade ou de espécie que provavelmente não exista na natureza.* Marcelo Ribeiro (2015) vai afirmar, a partir dessa magia, *que a vida é sublime porque não cansa de criar existências raras.*

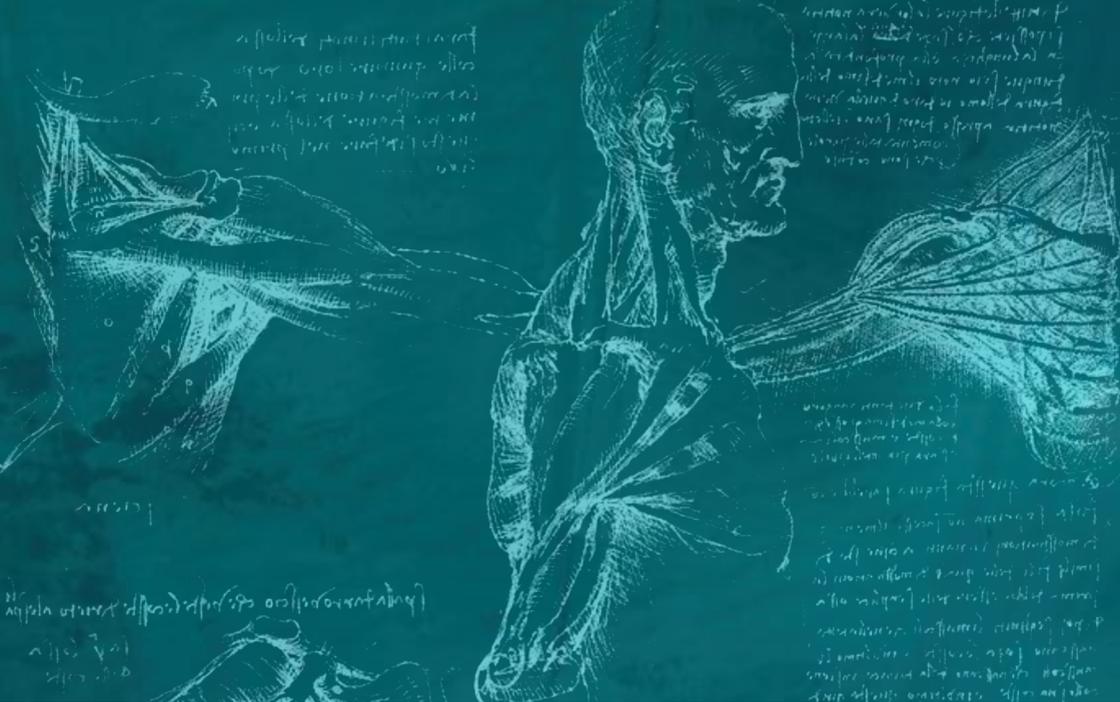
De fato, estudar a evolução humana é olhar, no espelho da nossa história, algo além da imagem refletida como sendo um outro espaço onde me situo, vejo-me, quando um signo de todo o nosso corpo e alma seja apenas uma imagem de um esquilinho simpático (*Plesiadapiforme*), ou seja, um *Purgatorius*<sup>26</sup>.

Nessa minúscula descrição sobre a vida humana, podemos afirmar que a Psicanálise não se interessa por este romance filo e ontogenético como é a ciência, como as neurociências, que nutrem a ilusão de apreender o real pelo simbólico. Ambas estão às voltas com a maior criação da evolução: a inteligência humana, a alma humana, o corpo humano, o ser humano!

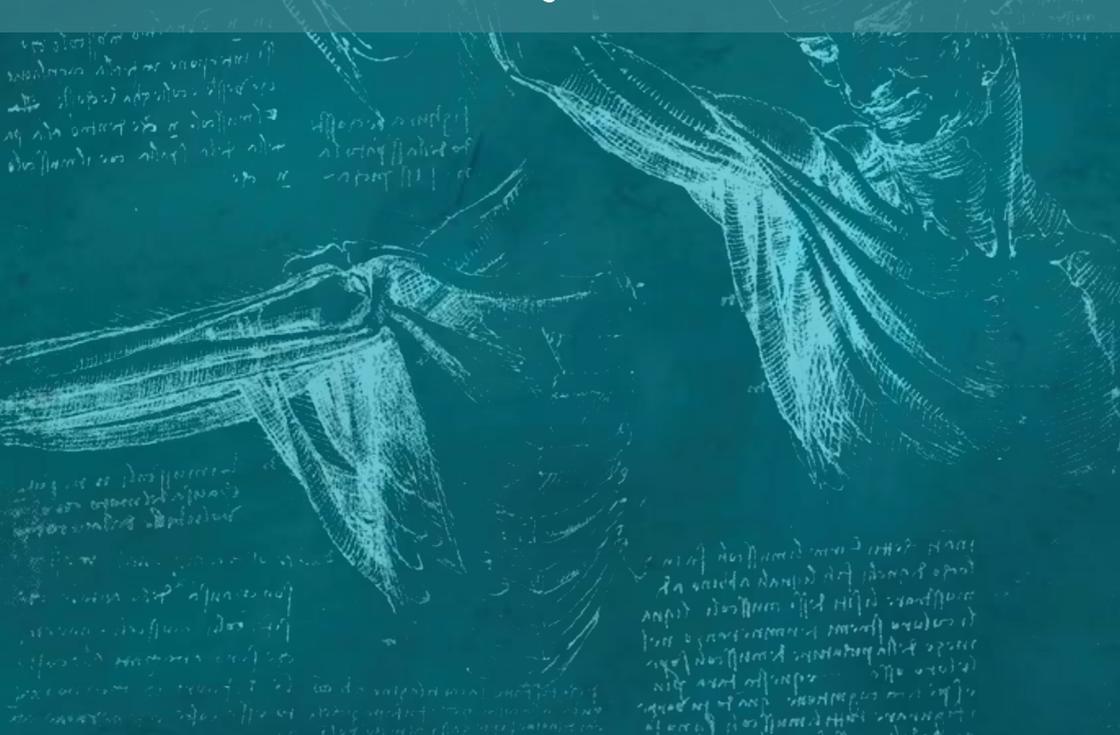
---

<sup>26</sup> Gênero que poderia ter dado origem aos primeiros primatas, cujo fóssil foi encontrado em Purgatory Hills, em Montana, nos EUA (LADEIA, 2015).





# Α Σαολογοια το Κορπο



*O corpo é o Outro.*

Lacan

*Na realidade,  
toda doença do  
corpo é  
processo de  
cura para a  
alma.*

Chico Xavier

## A ECOLOGIA DO CORPO

E cada dia, milhares de vezes, sinto minha vida,  
corpo e alma.

Einstein, 1981

Comumente, o corpo é pensado como um conjunto de órgãos. Se analisarmos pelo campo da *fisiologia*, estamos tentados a imergir no estudo de sua natureza, pois a palavra fisiologia vem dos termos gregos *physis* (natureza) e *logos* (estudo). Este livro trata da natureza do corpo, pensado, aqui, como um ecossistema. Sánchez (2011) apresenta um bom caminho para analisarmos essa nossa totalidade:

O corpo não é apenas um aglomerado de órgãos humanos interagindo entre si para manter um organismo mais complexo vivo. Estamos pensando no corpo como um elemento relacional do ser com o mundo, dito de outra forma, cada ser vai produzir em sua *autopoiese*<sup>27</sup> uma corporeidade particular que determina a sua forma de ser e estar nas redes de relações que estabelece com o meio.

As reflexões em torno das relações que se organizam nesses sistemas, como afirma Sánchez (2011), podem dar pistas tanto *sobre a nossa existência no universo quanto o universo da nossa existência*. Essa compreensão não se dará no nível de fragmentação

---

<sup>27</sup> Termo derivado do grego auto (próprio) e poiesis (criação), bastante usado pelos filósofos e biólogos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para referir-se à capacidade dos seres de se produzirem a si próprios.

do pensamento que experimentamos na atualidade. Não é possível pensar na ecologia de um corpo despedaçado, que veio dos pedaços como unidade.

Os desafios iniciais ao pensamento da *corposfera*<sup>28</sup> diz respeito à questão se, na dimensão corporal, existimos antes da concepção. Para a Psicanálise de base freudiana-laciana, o sujeito é um ser de linguagem, que é corpo, que goza. Existimos antes mesmo da carnificação. *Vamos ter um filho. Vai se chamar João, se for homem, e Maria, se for mulher.* Somos falados no discurso do Outro e isso pressupõe uma existência antes da concepção. Esse discurso, construído no campo da linguagem, vai ter uma influência determinante sobre a subjetividade do sujeito falado, que vai estar, durante sua vida, submetido a tal discurso.

O que nos constitui como sujeito são palavras. Essas palavras são dadas pelo Outro. Eu só descubro quem eu sou através da linguagem do Outro, ou seja, descamando suas palavras.

Nas dimensões mítico-religiosas, que legaram à humanidade importantes fontes de conhecimentos, o saber do corpo, a alma, para muitas culturas, antecede o nascimento. Se assim for, o descarte de embriões é, também, o abandono de almas humanas. Clovis Nunes, importante parapsicólogo brasileiro, também um grande amigo, certo dia disse: *se embriões congelados têm espírito, eles são muito otários!* Ri, mas isso deixou-me com uma profunda indagação: se existe onde habita o que chamamos de espíritos humanos?

---

<sup>28</sup> Todas as esferas se fecham em si. Há, portanto, o dentro e o fora. Na *corposfera*, essa ligação entre o interior e o exterior é tocada por um furo, uma falta. Assim, a grande senha da *corposfera* é o buraco do corpo para a alma.

O corpo é a casa da alma, quiçá sua prisão. Considerado um espaço intocável, parte do universo, nada deveria chegar à escuridão dos órgãos, no negro sagrado. Até o século XIV, a igreja, baseada no mito da ressurreição, considerava o corpo inviolável. Como escreve Breton (2012), *colocar o corpo em pedaços é quebrar a integridade humana, é arriscar compreender suas chances na perspectiva da ressurreição. O corpo pertence ao registro do ser (o homem é seu corpo, mesmo se é também outra coisa), ele está ainda estabelecido segundo o registro do ter (ter um corpo, eventualmente distinto de si)*. A prática do suplício corporal, na Idade Média, em que se incluía a queima de corpos dos dissidentes da igreja e do rei, mostra quão contraditória é a noção do corpo como dimensão sagrada e inviolável para essas instituições políticas.

Para ver o corpo que já se via na natureza, foi preciso entrar nele, cortá-lo, dissecá-lo. Não nos contentamos com a escuridão do corpo. O jeito que encontramos de nos vermos foi entrando no cadáver. Inventamos a anatomia!

Há também relatos de práticas anatômicas no vivo, como muito se fez com plantas e animais. Breton (2012), no seu livro *Antropologia do Corpo*, descreve o caso de uma jovem freira que foi cortada por suas irmãs e teve seu coração retirado para se verificar, *in loco*, a escrita de Cristo.

Precisa-se a origem da anatomia no Egito Antigo, associada aos processos de mumificação, os quais legaram muitos saberes aos médicos helênicos. Na Grécia, foram realizados importantes estudos sobre o corpo humano. No Renascimento, artistas como Michelangelo e Leonardo da Vinci demonstraram a importância do conhecimento sobre o corpo em seus trabalhos.

As primeiras dissecações oficiais só aconteceram nas universidades italianas, no século XIV (BRETON, 2012). No século XV, Leonardo Da Vinci foi o primeiro cientista a descrever, a partir de desenhos anatômicos, o interior do corpo. Já no século XVI, o anatomista André Vesálio publicou seu célebre livro *A Estrutura do Corpo Humano* e foi considerado, a partir de então, o pai da anatomia moderna. *Os anatomistas, sobretudo a partir de Versálio, exploraram a espessura invisível do corpo humano, contornando o obstáculo da pele e da carne. Eles abrem a noite do corpo ao olhar* (BRETON, 2012).

Entre os séculos XVI e XVII, o saber biomédico passou a ser o grande paradigma sobre a compreensão do corpo. *O homem não é mais o eco do mundo, nem o mundo o eco do homem* (BRETON, 2012). Está exposta a espessura invisível do corpo, que, como cadáver, é algo sem a presença do sujeito.

Na era moderna, com o avanço dos estudos no campo da medicina, a anatomia foi se tornando cada vez mais especializada. Sempre houve muito interesse pelo estudo das consequências das doenças nos corpos. Com a modernização das tecnociências, a observação do corpo passou a se dar num nível molecular, contando com as possibilidades criadas por equipamentos ultramodernos.

A modernidade inaugura novas formas de percepção sobre a relação corpo-mundo. Para Descartes (2005), o universo, o mundo, o homem, o corpo, todo esse conjunto de sentidos deve ser apreendido como uma máquina. Para Foucault (1997), tanto o corpo-alma, pensado pela igreja na Idade Média, quanto o corpo-máquina da modernidade cartesiana portam uma noção de docilidade e, por conseguinte, analisáveis, manipuláveis. Isso é

traduzido quando, em 1892, a medicina foi regularizada como profissão e a autorização para cuidar instituiu seu poder sobre os corpos da modernidade, passando a tratar da doença enquanto corpo e não do corpo do-ente. Outros cuidadores do corpo passaram a viver pelos caminhos da ilegalidade, como os curandeiros das mais variadas espécies.

Vivemos a era do apagamento do corpo, de um corpo invisível, líquido, experimentado pelo silêncio dos seus órgãos, os quais são comumente lembrados pela doença, pela morte. *A doença é um esforço do corpo para se curar* (LELUP, 2014). Assim, o corpo passa a ser *aquilo que fica quando perdemos os outros* (BRETON, 2012).

Mas a corporeidade, tomada pelas ciências modernas, tem sua história enraizada na arquitetura gênica, primeiros códigos comunicativos do ser com o seu meio. No fundo, *a definição moderna do corpo implica que o homem esteja separado do cosmos, separado dos outros, separado de si mesmo* (BRETON, 2012), ao contrário da percepção do corpo nas sociedades tradicionais, onde observamos o corpo-cosmos, no qual homem e mundo são feitos da mesma matéria-prima. Nessa dimensão, o corpo tem um rosto, *lugar mais humano do homem* (BRETON, 2012).

Numa segunda etapa da construção do nosso corpo, experimentamos os processos de organização dos sistemas celulares. Sobre esse tempo, templo do nosso corpo, escreve Sánchez (2011):

Nesse nível, etapa de nossa corporeidade, todos nós um dia, no princípio de nossa ontogênese, fomos seres celulares, e estão presentes organelas celulares que atuam no metabolismo. Quanto maior for o grau de complexidade do organismo, mais complexa

será também a rede de comunicações e interações entre as células. Tal fato evidencia a dimensão ecológica do nível celular.

Nossas células, relacionando-se entre si, formam os tecidos que, agrupando-se, darão origem aos órgãos, espécie que se conecta com outras espécies e, associados, compõem os nossos sistemas. Essa rede estrutura o que chamamos de organismo humano, cujo destino é a determinante necessidade de viver.

Deleuze e Guattari (2012), falando sobre a existência de um *corpo sem órgãos*, vão indicar que o organismo não é corpo, sendo apenas um extrato do corpo sem órgãos que o substitui. Para eles, os órgãos aparecem e funcionam como intensidades puras. Esse corpo substitui o organismo, passa a ser seu rival: *O corpo sem órgãos não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O corpo sem órgãos não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo.*

Se na noção comum de corpo como organismo se chega com facilidade, no corpo sem órgãos, noção estruturada por Deleuze e Guattari (2012), *não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Mas já se está sobre ele, é sobre ele que dormimos.* Esse tipo de corpo, sustentam, não pode ser ocupado por órgãos senão povoados por intensidades.

Tem letras do corpo que não chegam pelo alfabeto da alma. As palavras da alma, por mais que digam, não leem a poesia do corpo. O corpo é, antes, uma metáfora.

O equilíbrio para todos esses acontecimentos no corpo se fará mediante trocas materiais, energéticas, simbólicas, linguísticas,

entre outras, com o meio. Destaca-se, nessa perspectiva, a importância do lugar onde as pessoas vivem. *Somos os lugares que habitamos*, diz o psicólogo ambiental José Corraliza<sup>28</sup>.

Em todas essas etapas, identificamos relações ecossistêmicas. Esse corpo inteiro, por exemplo, possui cerca de cinco vezes mais bactérias e outros organismos do que células nossas, de fato (SÁNCHEZ, 2011). São vidas que interagem desde o mundo subatômico, cujos sentidos estão enraizados na Terra, e essas relações devem integrar o poderoso discurso da Ecologia na contemporaneidade.

Desde que nos foi apresentado o termo biosfera, pelo austríaco Eduard Suess, para descrever a camada de vida que envolve a Terra<sup>29</sup>, deslocamos nosso olhar para suas subcamadas, como a hidrosfera, a atmosfera, a litosfera e a biosfera. Essas sínteses epistêmicas circulares que, de alguma forma, são tradutoras dos diversos e complexos fenômenos da nossa casa Terra, deixaram de fora duas lógicas interpretativas que dizem respeito à nossa estada no mundo: a almosfera<sup>30</sup> e a corposfera.

Desenvolvemos pelos caminhos da ciência, sobretudo, uma percepção do mundo em que o sujeito humano, mesmo anunciando-se dentro, sempre esteve fora das análises ecológicas. Se a corposfera não está imbricada nas análises ecológicas, fragmentamos o sentido do que entendemos como a *teia da vida*, que, segundo Capra (1998), é, *naturalmente, uma ideia antiga, que*

---

<sup>28</sup> WILHELM, Klaus. O Poder do Verde. In: **A Cura pela Natureza. Scientific American Mente Cérebro**. Ano XXI, N. 263. Dez-2014.

<sup>29</sup> Capra, 1998.

<sup>30</sup> Discutida no livro *Ecologia da Alma* (MARQUES, 2013).

*tem sido utilizada por poetas, filósofos e místicos ao longo das eras para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos. Tudo está interligado a partir de dentro de nós, o verdadeiro universo desconhecido. Mesmo o corpo, esse nosso íntimo desconhecido, é o lugar privilegiado de encontro entre aspectos da nossa natureza, de nossa ancestralidade, ou seja, de nossa história natural, com os aspectos da nossa cultura, de nosso universo simbólico (SÁNCHEZ, 2011).*

O que seria, então, a Ecologia do Corpo? Segundo Celso Sánchez (2011):

A ecologia do corpo é tanto genética, celular e portanto, microcós mica quanto social, cultural, macrocós mica e tanto contextual, sígnica como comunicativa. Dessa forma o que a sociedade produz simbolicamente se reflete na corporeidade dos indivíduos de sua sociedade e vice-versa. O que o indivíduo produz em seu corpo se reflete na produção simbólica dessa sociedade e vice-versa.

O que chamamos de ambiente está dentro e fora do nosso corpo, e não somente nesse mundo exterior à corporeidade humana. Essa é uma unidade recente, reivindicada aos estudos da Ecologia na contemporaneidade.

## UM CORPO DENTRO E FORA DE SI

Na tela de Rembrandt, intitulada *Lição de Anatomia do Doutor Tulp* (1632), observamos uma aula, sobre o corpo humano, a qual o citado doutor está proferindo aos seus alunos. O cadáver é de um ladrão enforcado por roubo na Holanda, um dia antes da aula. O corpo, dantes sagrado e inviolável, passou a ser um pedaço de carne dissecável. Ao cortar-se o corpo, corta-se também sua face, seu rosto.

A anatomia toma as linhas da pele como limites do corpo. A Psicanálise toma o corpo transbordado, sem as margens da pele, costurado pela linguagem. Enquanto a ciência busca o rio em seu leito, a Psicanálise o encontra em suas margens, retorna às suas nascentes, comumente chega à sua foz e, mesmo tendo percorrido todo o seu corpo e a sua alma, olha nos oceanos seus pedaços e, juntando-os, gota por gota, sabe que o rio é mais que tudo isso. Nesse aspecto, a Psicanálise ganha autonomia da anatomia.

Bastos (1998) defende esse ato como de valor singular à Psicanálise, dizendo que *o corpo anatômico foi importante para o percurso de Freud, pois foi sua insuficiência e sua pesquisa pautada pela prática codificada que impulsionaram o surgimento de um novo conceito: corpo da Psicanálise*. Sobre essa passagem de corpo, do orgânico ao simbólico, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (2014) escreve:

O fator biológico é o estado de vulnerabilidade e de dependência prolongado por um longo tempo, no caso da criança humana. A existência intrauterina do homem aparece, diante da maioria dos animais, relativamente abreviada; a criança humana é trazida ao mundo mais inacabada que a maioria dos outros animais. A influência do mundo exterior real é forçada, a diferenciação entre o ego e o id é precocemente favorecida, os perigos do mundo exterior são realçados em sua significatividade, e o valor do objeto, único capaz de proteger contra perigos e substituir a vida intrauterina perdida, aumenta enormemente. Este fator biológico instaura, portanto, as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que não mais abandonará o ser humano.

O desenho de corpo trazido por Freud é um rabisco fora da consciência, um corpo erógeno, sexualizado, pulsional, o que incorpora as dimensões psíquicas às corpóreas já tratadas até seu tempo. Ele ancorou essa noção à dimensão da representação e do transbordamento.

Em 1905, a partir de suas teorias sobre a sexualidade infantil, Freud estrutura sua noção de corpo autoerótico, destacando o lugar das zonas erógenas do corpo, caminhando pela pele de sua fragmentação. Em 1914, quando recobre, pensa o corpo como um todo erógeno, cria sua teoria sobre o narcisismo. A matéria-prima para a formação do corpo narcísico, para Freud, é o corpo pulsional (FARIA, 2011).

Nos casos de anorexia, por exemplo, comumente, vemos sujeitos esqueléticos achando-se obesos. Não se dão conta de que seus corpos se encontram em pele e osso. Há algo além da imagem. Trata-se de uma desmorfobia, ou seja, da impossibilidade de reconciliação do sujeito com a sua imagem no espelho. Aqui, podemos afirmar que o corpo existe na alma, um buraco sem limite, não no próprio corpo. ***O corpo é o Outro***, como afirmou Lacan (1977/1978).

Para Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro, sem o Outro perdemos o sentido de ser. Nessa dimensão, não temos corpo, pegamos emprestado do Outro e nos alienamos a ele. Na perspectiva lacaniana, podemos falar da existência dos corpos imaginário, simbólico e real:

Um corpo imaginário do espelho, um corpo sustentado no falo e reduzido à sua forma, sua boa forma. É o corpo no registro do imaginário, o corpo visual, o corpo do espelho. A do corpo significantizado que a neurose pode efetuar, aquele no qual o gozo fica contornado pelo significante e reduzido a uma significação tanto no sintoma como no fantasma; é o corpo no registro do simbólico e no campo da significação. E a dimensão do acontecimento de corpo, em que se pode capturar um gozo que não está localizado a partir de um significante e que, por conseguinte, obtém uma satisfação fora do sentido. Essa modalidade do gozo traça certo funcionamento e permite capturar o corpo no registro do real (SALMAN, 1994:86).

O terceiro corpo de Lacan, o corpo na dimensão do real, é a sede de gozo. Esse corpo, que poderia se fazer olhando-se no espelho, sem qualquer potência, faz-se imagem no discurso do Outro. Buscando seu sentido no mundo, na vida, escava sentidos no que sente e simboliza. Entretanto, na sua carne e no seu osso, há mordidas de palavras que comem a imagem e o sentido que produziu e, sobre o seu ser, deixa como marca dessas dentadas o impensável de ser seu próprio corpo que, gozando, só o deixa tê-lo. Sobre ser seu corpo, o sujeito se torna impossibilitado de dizê-lo e nomeá-lo. Um exemplo desse tipo de corpo é o de soldados marcados pela brutalidade das guerras. O inominável da dor, do horror, silencia o corpo que fala emudecido.

## O CORPO E A VIDA

Quais são os impasses quando nos deparamos com a origem da vida? No fundo, queremos saber mais sobre o que é o nosso corpo vivo e o que o habita. Por exemplo, corpo bonito é aquele habitado por uma pessoa feliz. Não existe corpo feio. Existe alma triste. Sabemos que há um corpo, um organismo vivo, e que existem coisas, forças que agirão sobre ele, tanto o meio interno quanto o externo. A Biologia, ciência que estuda a vida, e a Ecologia, que se ocupa de suas relações, dizem muito pouco sobre o corpo porque o desconhecem; não se dedicam a entender as coisas que o animam. As ciências da animação, da alegria, do sorriso e da vida pouco se ocupam da substância viva. Sendo inteiros, somos pensados aos pedaços.

Miller (1999), citando Jorge Forbes, diz que *é claro que o corpo é vivo, mas a vida não se reduz ao corpo. O corpo vivo é apenas uma forma mortal da vida*. Assim, a vida busca sua perpetuação. Os

pedacinhos que a compõem, o DNA, *esperma da natureza*<sup>31</sup>, ao tempo em que se escreve, constrói suas estratégias rumo à imortalidade. Como Miller descreve nas suas conferências sobre *Elementos de Biologia Lacaniana*:

A vida quer se transmitir. Ela quer durar, não terminar nunca. Os corpos vivos morrem, a vida não morre. Ela se perpetua através dos corpos, que são o suporte, o habitat do grupo de células especializadas que garantem a reprodução, a continuidade da linhagem; esse grupo de células que é dotado de uma imortalidade potencial, como dizem os fisiologistas, mas não os poetas. Se a vida pensasse, poderíamos dizer que ela só pensa nisso, esta seria sua obsessão: a vida seria obcecada pela vida (1999:61).

Para muitos, um corpo pode ser entendido como um conjunto de órgãos que desempenham funções específicas, reduzindo, a isso, a vida. É mesmo possível viver sem corpo, mostra a experiência clínica. Quantas pessoas estão presentes ausentes?

Sobre o corpo humano, acrescentamos, aos seus conjuntos de órgãos, a linguagem. As pedras e os animais não são tocados por ela. Não como humanamente pensamos. Como afirma Miller (1999), *existem corpos estranhos habitados pela linguagem: os corpos da espécie humana. Eles são a vergonha da criação*. Por ser afetado pela linguagem, o corpo humano pode ser analisado como *o corpo que recusa o corpo em seu próprio corpo* (MILLER, 1999).

Ao estar dentro, o dono do corpo, por tê-lo e não sê-lo, o nega. Aquele que olha a caverna do corpo, a alma, nas suas paredes espelhadas, não vê sua imagem. Aqui, pensamos que a equivalência entre alma (saber) e corpo não é simétrica.

---

<sup>31</sup> Expressão criada por Tom Jobim.

Isso significa que o órgão deixa de obedecer ao saber do corpo, ao saber que está a serviço da vida para se tornar um suporte de um “gozar”, com essa ênfase de autoerotismo que vem indicar, justamente, que o órgão não está mais a serviço da vida. Tudo acontece como se o órgão fosse culpado por esse gozar, como se gozar fosse uma infração (MILLER, 1999:67).

Nesse aspecto, o prazer passa a ser o gozo que afeta as funções vitais do corpo. A alma não é mais a senhora do corpo. O corpo é o senhor da alma, ele o anima. Afirmo Lacan: *o homem não é, ele tem um corpo*. Para Miller (1999:73), isso se dá porque,

Para o homem, não se pode fazer equivaler ser e corpo, enquanto que para o animal isso é possível. O Sujeito não pode se identificar com seu corpo, e é daí, precisamente, que vem a turgidez narcísica que atrapalha as suas relações com o mundo. Não podemos evitar o paradoxo do corpo humano vivo e falante.

E a alma que habita o corpo, o que é? Miller (1999) diz que *ela não é outra coisa que o saber no corpo, um saber que assume a forma de sujeito do corpo*. Continua:

Se há saber no corpo, ele é sempre um saber cosmológico, ou seja, relativo a um mundo, enquanto que o saber inconsciente é um saber a-cosmológico, porque não é ordenado no mundo ambiente, não está em conformidade com o mundo ambiente (1999:52).

Em termos biológicos, os organismos são moldados ao ambiente onde vivem, transformam-se e se adaptam. Em termos psíquicos, na luta por sua conservação, diante das demandas de suas exigências corporais, aniquilam-se, gozam. A necessidade, o tempo e o ambiente são determinantes nesses processos. Dunker (2012) fala que *das neuroses de caráter dos anos 1940 às personalidades narcísicas do pós-guerra, dos quadros borderlines dos anos 1980 às depressões, pânico e anorexias dos anos 2000, há uma variação*

*das modalidades preferenciais de sofrimento.* Assim, podemos afirmar que, quer seja pelos caminhos biológicos, quer seja pelos psíquicos, o ser e o seu sofrimento são uma invenção, uma roupa, uma modalidade de gozo da época. Vivemos a era do corpo-dor, sustentado por pílulas, semblante da alma.

A alma é o ecossistema do corpo. As relações que se estabelecem nele, na dimensão física, não são da mesma ordem das suas construções imaginárias, simbólicas e reais. Podemos afirmar que num corpo, um ecossistema, habitam infinitos ecossistemas. Deles falamos sem que possam, no íntimo, serem falados. Miller (1999) enfatiza: *parece-me que se pode falar da vida como se fala, às vezes, do inconsciente, como alguma coisa da qual não se pode falar.*

Afinal de contas, como o homem sabe sobre si? Lacan (1986) diz *que o homem se sabe como corpo, quando não há afinal de contas nenhuma razão para que saiba, porque ele está dentro. O gozar do corpo seria, assim, tudo que podemos saber sobre ele* (MILLER, 1999).

Miller (1999), retomando a análise da frase de Heidegger (1999), *a pedra é sem o mundo*, afirma que *a ausência de mundo não escava na pedra nenhuma falta.* Nossa presença e ausência nele, ao contrário, tornam-nos sujeitos de falta, incompletos. Temos sempre a sensação de que nos faltam pedaços, e isso só capturamos por uma ecologia da falta.

O animal, ao contrário da pedra, para Miller (1999), *é com o mundo*, ou seja, trata-se de um corpo vivo, pois tem um mundo ambiente que é seu e em relação ao qual ele tem um comportamento. O mundo das traças, por exemplo, corresponde-se, traço por traço, sem significações. Nós, humanos, na existência, apreendemos a vida a

partir de um corpo. Um corpo que goza, que não pode ser traçado. Esse corpo é linguagem que porta um elemento incorporal, o significante (MILLER, 1999).

*Estou saindo para dentro de mim.* Essa descrição de um paciente em análise revela o movimento do sujeito em busca de entender seu corpo, seus signos e sentidos, sua vida. Para Lacan, no Seminário de 1955, *o fenômeno da vida permanece em sua essência plenamente impenetrável. Ele continua a nos escapar, não importa o que façamos.* Não adianta, também, entrar para fora de si.

Nossos olhos são as janelas de nossas almas, dizem. É através desses buracos, dos buracos nos nossos corpos (os olhos, os ouvidos, os poros, as narinas, a vagina, o cu), que tudo entra em nós! Freud, por exemplo, falava que é na fase sado-anal que o sujeito desenvolve um modo particular de tratar os outros e a seu próprio corpo como um objeto, como coisas, característica bem particular da estrutura perversa. Parte significativa do mundo é materialista e, podemos pensar, trata-se de um comportamento que tem forte relação com a fixação que o ser humano estabelece com essa parte proibida do corpo.

## CORPO E ALMA

Faria (2011) diz que, na Psicanálise, o corpo passa a ter um estatuto de representante do psiquismo. Lacan coloca alma e corpo de um mesmo lado. Alain Abelhauser (2010), em seu artigo *O Corpo é a Alma*, escreve:

Se o corpo e a alma estão geralmente disjuntos, é, antes de mais nada, porque se trata de um arranjo desta impossibilidade conjugada com esta necessidade. É, antes de mais nada, porque se trata de tentar assim reconhecer a morte aceitando a finitude do corpo, sua “efemeridade”,

continuando, mesmo assim, a não admitir a morte, mantendo a representação de que existe alguma coisa – a alma – que escapa à finitude e sobrevive eternamente... Se a alma é dissociada do corpo só para permitir ao sujeito entrar em um acordo entre a necessidade de pensar a morte na sua impossibilidade.

Aqui, a noção de alma no humano nasce a partir do imperativo de pensar a morte. O inconsciente ignora a morte, diz Freud (1915). Numa perspectiva lacaniana, poderíamos dizer que a alma é o Outro em nós. Então, essa formulação indica que o Outro é a alma? Segundo Abelhauser (2010), *a alma não é o Outro e o Outro definitivamente não é a alma. Uma é construção para dar substância à imortalidade e ponto de referência à identidade; o Outro é o apoio necessário à construção do sujeito e a base indispensável para manter a opacidade constitutiva.* Diria que a alma, aqui, só não é o outro que existe, mas é o que não existe.

Foucault (1997), em *Vigiar e Punir*, vai definir a alma como a ilusão dos teólogos. Ele notifica, sobre essa relação alma-corpo: *Uma alma o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo.* Interessante que Foucault fala de um dentro que escraviza o que está fora. O corpo, o fora, não é tomado como a prisão da alma, do dentro. Nossa ossada é a grade da nossa sensibilidade.

Às vezes temos que deixar as cascas, os casulos para sermos “peles de borboletas” ou qualquer outra metáfora da beleza de nós mesmos. Alerta Manoel de Barros:

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.

Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

## O MESMO CORPO

Já tratamos desse corpo que se faz voz, que é falado e nunca ouvido. Nosso corpo também se desenha a partir da forma como vemos e somos vistos. Minha experiência de corpo (na realidade, diferente da verdade) se completa se eu sou visto pelo Outro.

Hoje observamos uma excessiva preocupação com a imagem, com o culto ao corpo, produzida pela sociedade de consumo, forjada em campanhas publicitárias que apostam na supervalorização de características de baixa incidência na população em geral como o estereótipo de beleza, com drásticas repercussões subjetivas sobre a forma como os sujeitos se relacionam com seu corpo, que buscam nas diferentes formas de intervenções corporais de clínicas cirúrgicas um apaziguamento com o vazio do corpo.

Narcisismo parece ser a exaltação da imagem de si, mas é, no corpo e na alma, uma experiência de prazer que passa pelo olhar do Outro e que leva, geralmente, ao desprazer. É quando, no espelho, sou o que me falta, minha castração.

Assim, a ausência do meu pedaço é a presença do meu corpo despedaçado, da minha imagem. Qualquer lápis que a desenhe, apaga-a, portanto, quanto mais forte é o traço do meu corpo, de modo mais líquido e invisível ele se materializa. É assim que observamos as pessoas na contemporaneidade: o sujeito tentando fazer-se corpo pela via da imagem. Esse corpo-imagem explode em múltiplos objetos que, de tanto ser visto, nunca é visto. Esta é a fórmula da solidão.

Hoje, o que há são pessoas na condição de resto, usando multimeios para maquiar seus corpos. Nos diferentes espaços de contemplação e culto da imagem, antes nossos espelhos, atualmente redes virais, estamos imprimindo o exagero da imagem, ponto de partida da identidade humana, lâmina da linguagem.

No mundo, permanentemente, somos invadidos por imagens-imagens. Estas não são compostas pelo que se vê, mas pelo vazio do que não se vê. Talvez seja isso que sustente, em nossa época, o fenômeno da autorrepresentação a partir do uso excessivo dos dispositivos eletrônicos.

Na lenda, Narciso não se apaixona por si, mas pelo Outro. Ele nunca tinha se visto, não sabia quem era. É como os passarinhos, quando, em frente ao espelho, sua imagem é seu rival. A criança carece da autorização do Outro que apresenta e de que ele confirme, como sua, a imagem refletida no espelho. Portanto, como as palavras, as imagens são do Outro.

Narcisismo é a paixão pelo Outro que não existe, ou seja, *é a paixão pela alma*, tomada como a imagem do Outro em nós. Da imagem, construímos nossa noção do que é imaginário. Usamos o imaginário para imaginar a imagem.

Há um tempo, trocamos a imagem do espelho pelo nosso nome, ou seja, simbolizamos uma noção de nós mesmos, também autorizada pelo Outro. Assim, somos alguém que sempre pergunta ao Outro: “Quem sou eu?”, “O que você acha de mim?”, “Como você me vê?” As respostas a essas perguntas são trágicas, sádicas e apagam o amor próprio.

## TATUAGENS DO CORPO

Sabemos que há um corpo, um organismo vivo, e que há coisas, forças que agirão sobre ele. Numa dimensão evolutiva, aqueles que não se adaptarem às exigências ambientais serão eliminados. Isso é a seleção natural. Nesse mesmo caminho, aqueles que não demonstrarem resiliência sobre as exigências da alma serão despedaçados. Isso é a *seleção psíquica*, que se organiza sobre um gene que nasce a partir da ausência do Outro.

Sobre nossos sofrimentos, nossos pedaços, gozamos, sofreremos nesses estados de acontecimentos do corpo. São tatuagens invisíveis, manto da nossa pele: como é o espaço-tempo para as massas.

Em Freud, analisamos que, às vezes, no humano, o que é tão íntimo se torna estranho. A partir dessa elaboração freudiana, Lacan desenvolve o conceito de *êxtimo*, o externo de si mesmo que mora em cada pessoa.

Na ciência, o corpo é tomando como um conjunto funcional de órgãos. Lacan discorda que a função cria o órgão. Para ele, *o corpo dos falantes está sujeito a se dividir em vários órgãos o suficiente para lhes encontrar uma função*. Miller (1999) descreve como seria bom se houvesse essa

equivalência entre órgão e função: *Seria muito bom se fosse o único princípio em função, ou seja, se o organismo, uma vez regulado, fosse, por isso mesmo, adequado ao seu meio ambiente, isto é, ao meio exterior.* Mas somos sempre invadidos por algo que contraria nosso ideal de corpo. A alma sabe sobre ele coisas inconfessáveis e o marca, o fere, o dilacera, o desampara e o afeta. Ser homem ou mulher, por exemplo, não é uma questão de ser um corpo orgânico. Pênis e vagina não definem nossas sexualidades, tão plurais na contemporaneidade.

Estar despedaçado é estar sem a ilusão da unidade do seu corpo, muito comum nas psicoses, a exemplo do que Lacan denominou como “perda do corpo”, em seu Seminário 23, *O Sinthoma*, quando analisou o caso Joyce, destacando a cena em que, quando jovem, levava uma surra dos colegas que o penduraram numa cerca de arame farpado e, depois do acontecimento, não sentira raiva desses colegas e descrevera isso como se deixasse cair seu corpo como uma casca.

*Quando sua imagem não é mais amável ao olhar do Outro que ele coloca em posição de ideal do Eu, o próprio eu desaba* (MÉNARD, 1994). Veja que o sintoma não está no corpo, ele é um bichinho que o morde, que o afeta, que vem de fora e entra na sua pele, na sua carne, nos seus ossos, na sua alma.

Lêda Guimarães, no seu livro *Gozos da Mulher* (2014), tomando como base sua própria experiência de análise, sobre a questão *é possível perder o corpo próprio?*, escreve: *Sim!* Ela analisa, quando estava no seu final de análise, mesmo fazendo as coisas cotidianas, como dar aula na universidade, cuidar do filho ou atender pacientes: *tal sensação era de que eu não existia, era apenas um semblante do que tentava demonstrar para os outros, pois nada sentia no meu corpo sobre esses semblantes que incorporava para fazer laço de parceria. Dessa maneira, sentia-me*

*uma casca vazia, sem ser, um puro semblante. Continua: Atuava como exímia atriz, surpreendia-me com a constatação de que ninguém percebia que eu não estava ali... experimentava na solidão do meu corpo o horror dilacerante da certeza inevitável. Eis os ventos da devastação: No estado de apaixonamento, por exemplo, a devastação poderá advir na forma de um temor de sofrer, de perder o amor, e ser enganado, de ser desconsiderada, o que nada mais é do que um tormento superegóico, diz Lêda, psicanalista que fez da ética do seu dizer a salvação do seu corpo.*

Nessa dimensão das nossas vidas, não temos mais olhos. Olhamos o mundo a partir dos olhos dos outros. Nesses casos, o sujeito só conseguirá ver se descobrir que está cego. Sobre o sujeito, que vive tentando se fazer importante para o Outro, diz Lêda (2014): *Acabam se curvando às demandas, às exigências dele, e muitas vezes se entregam a esse servilismo de modo incondicional, entregando sua vida, suas posses, seu ser, seu corpo e sua existência à mortificação. Desperdiçando sua existência, o sujeito serve de abrigo ao corpo do Outro. O que seria, então, esse Outro que me faz sofrer, espadaçame, faz-me gozar? Diz Lacan, no Seminário 20, Mais, Ainda: Nada obriga ninguém a gozar, a não ser o Supereu.*

Então, o que despedaça tem um nome: Supereu! Segundo Lêda (2014:136), trata-se de um suposto “Eu” superior, obscuro e diabólico, que habita nas profundezas do gozo dos corpos. Como corpos e alma se despedaçam? Quando somos canibalizados pelo Outro nos banquetes antropofágicos que nós mesmos organizamos para nosso corpo.

A partir dos nossos restos, buscando remendos para nossos cacos, na atualidade, temos a impressão, diria mesmo, a convicção, de que

podemos comprar nossas almas nas farmácias, onde podemos suturar todas as fissuras de nossos corpos. Isso é o discurso médico, um dos nomes do discurso capitalista. Eric Laurent, psicanalista francês, esclarece:

Uma das demandas de nossos tempos capitalistas é a necessidade de nos pensarmos como empresários que devem maximizar suas vidas. Devemos pensar mais, desfrutar mais, experimentar uma vida sexual mais intensa. Se não maximizamos nos vemos como fracassados, onde os únicos culpados somos nós mesmos. Meu ponto de vista é tomar isso como uma demanda do supereu que pesa sobre o sujeito. Ao invés de aceder a ele devemos interpretar suas consequências. Todos nós podemos nos perceber como fracassados em certo sentido e é certo que isso não é tão terrível<sup>32</sup>.

Mujica, ex-presidente do Uruguai, desseca a fórmula como a alma virou objeto do discurso capitalista, denunciando que a economia come a ecologia, tirando o sentido da vida para as pessoas:

Você deve ser feliz com pouco, com pouca bagagem, porque a felicidade está dentro de você. Isso não é apologia da pobreza, mas da sobriedade. Só que inventamos uma sociedade consumista. Inventamos uma montanha de consumo supérfluo. Compra-se e descarta-se. O que estamos gastando é tempo de vida. Quando compramos algo não pagamos com dinheiro. Pagamos com tempo de vida. Tudo se compra, menos a vida. A vida se gasta. É lamentável desperdiçar a vida, perdendo a liberdade.

## ALMA E LAMA

Ensina-nos o budismo: da lama tirar a alma. O lótus (padma), também conhecido como lótus-egípcio, lótus-sagrado ou lótus-da-índia, é uma macrófita que floresce sobre as águas, sobre o espelho,

---

<sup>32</sup> Tradução livre. Fonte: <http://www.centrolacaniano.cl/novedades/1670/>.

cujas raízes estão fincadas na lama. Este é o mesmo símbolo do castigado Narciso, uma bela flor atolada na lama, razão do despedaçamento de Eco.

O poeta Fernando Teixeira diz: *Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já tem a forma dos nossos corpos e esquecer os nossos caminhos, que sempre levam aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos.* Mas por que, entre a lâmina que separa lama e alma, não atravessamos? Guimarães Rosa se pergunta: *Medo? Não! Mas a falta de vontade de ter coragem.* Então, é por medo! O escritor Mia Couto desvela: *Há pessoas que têm medo que o medo acabe.* Vivemos a Ecologia do Medo.

Num fim ético, podemos ser como o lótus búdico. É da lama, dos nossos profundos e inconfessáveis desejos que deixamos nosso ser florescer. Algumas flores das nossas primaveras, porventura, poderão brotar feias, despetaladas, esbagaçadas. Mas se, pelo amor, buscarmos a ética do ser, podemos, em nossas anteses, ter a beleza de ser uma flor única, e mesmo nas nossas senescências, na nossa morte, permaneceremos regados de alegria, de sorrisos e de beleza. E isso só é possível se formos capazes de escolher. Quem não porta o poder de escolha é objeto do mundo. Assim, só é possível falar em sujeito humano quando há escolha. Se só há gozo não há corpo, sujeito, onde falta o desejo. Parafraseando Leloup (2014) quando ele não for mais uma folha levada pelo vento, mas o vento que leva a folha.

A poesia nos ensina uma grande lição quando estamos vivendo estilhaçados, despedaçados: *Aprendi com as primaveras a perder os pedaços e voltar inteira.* Esse verso é da poetiza brasileira

Cecília Meireles, uma pétala da sublimação. Essa forma de dar destino à força da pulsão em nossas almas, nos jardins das ciências, das religiões e das artes, apresenta-se ao humano como uma boa estratégia para lidar com os seus medos, com as suas fissuras, até que seu espírito esteja eticamente fortalecido para fazer a travessia da devastação até o caminho do amor. Entendemos, como escreveu Sartre, que *viver é ficar se equilibrando entre nossas escolhas e suas consequências*.

Nossa ética pelo caminho do amor acontece quando nos tornamos resilientes quanto à possibilidade da dor, qualquer que seja ela, de ordem física ou emocional. Plasticamente, acontece, em nossos corações, o mesmo fenômeno que envolve as plantas: perder suas folhas, recolher-se, **sair para dentro de si, entrar para fora de si**, deixar cair suas pétalas ao vento e se entender como um corpo sem esses pedaços, a maioria deles imaginários, pertencentes ao Outro, a quem entregamos nossos jarros de flores, nossos jardins, nossas plantas e pássaros enraizados à uma criança que foi trancada nas masmorras de seus próprios olhos. Não há outro caminho senão percorrer as veias do próprio corpo, irrigadas pelas palavras, e descobrir nelas a poesia que escreveu nossa alma, uma pétala da árvore-flor que somos. Nesse retorno para dentro de si, ou seja, saindo da caverna que é o próprio ser, depois de ter se encontrado com os pedaços de seu corpo e de sua alma, decidir-se pelo caminho do amor.

## A BORBOLETA DE EINSTEIN

Diz Lacan (2008):

*Nossa posição no sonho é, no fim das contas, a de sermos fundamentalmente aquele que não vê... Num sonho, ele é uma borboleta. O que quer dizer isto? Quer dizer que ele vê a borboleta em sua realidade de olhar. O que são essas figuras todas, esses desenhos todos, todas essas cores? – senão esse dar-a-ver gratuito em que se marca para nós a primitividade da essência do olhar. É, meu Deus, uma borboleta que não é tão diferente da que aterroriza o Homem dos Lobos<sup>33</sup> – e Maurice Merleau-Ponty conhece bem sua importância, porque a refere para nós numa nota não integrada a seu texto. Quando Chuang-Tsé está acordado, ele pode se perguntar se não é a borboleta que está sonhando que é Chuang-Tsé. Aliás, ele tem razão, e duplamente, primeiro porque é isto que prova que ele não é louco, pois ele não se toma por absolutamente idêntico a Chuang-Tsé – e, segundo, porque não acredita dizer tão bem. Efetivamente, foi quando ele era a borboleta que ele se sacou em alguma raiz de sua identidade – que ele era, e que é em sua essência, essa borboleta que se pinta com suas próprias cores – e é por isso, em última raiz, que ele é Chuang-Tsé. A prova é que, quando ele é borboleta, não lhe vem à ideia se perguntar se, quando ele é Chuang-Tsé acordado, ele não é a borboleta que ele está sonhando ser. É que, sonhando que é uma*

---

<sup>33</sup> História de um jovem analisado por Freud, inicialmente diagnosticado como maniaco-depressivo, mas que Freud considerou como sendo um caso de neurose obsessiva. Em linhas gerais, trata-se de um rapaz, apelidado por Freud de “Homem dos Lobos”, por ter desenvolvido uma fobia, um medo terrificante de “lobo”, em virtude de traumas na sua infância. Na idade de três anos, era atormentado por sua irmã mais velha com uma figura de um lobo de um livro de historinha. Ele relata a Freud que sonhara com vários lobos em cima de uma árvore olhando para ele. A partir desse sonho, Freud investiga o caso e, junto com o paciente, constrói a história do sintoma do sujeito que, no final das contas, tem a ver com uma cena sexual entre seus pais, a qual observou na idade de 1 ano e meio e que, no fundo, o medo do lobo era o pavor alucinante do Pai, “transformado”, na sua fantasia, num lobo feroz.

*borboleta, ele terá sem dúvida que testemunhar mais tarde que ele se representava como borboleta, mas isto não quer dizer que ele está capturado pela borboleta – ele é borboleta capturada, mas capturada de nada, pois, no sonho, ele não é borboleta para ninguém. É quando está acordado que ele é Chuang-Tsé para os outros, e que está preso na rede deles, de pegar borboletas. É por isso que a borboleta pode – se o sujeito não é Chuang-Tsé, mas o homem dos lobos – lhe inspirar o terror fóbico de reconhecer que o batimento das asinhas não é tão afastado do batimento da causação, da ranhura primitiva queimando seu ser atingido, pela primeira vez, pela marca do desejo.*

As metáforas de Lacan são foda! Mas não é preciso ser lacaniano para ler Lacan. Em síntese, a certeza de ser você mesmo é uma alucinação. A loucura tem a ver com a certeza, com a verdade de si. Todos nós, acordados, estamos capturados por uma rede que torna nossas realidades uma grande prisão. Dormindo, estamos livres, quer sejamos, nos sonhos, borboletas ou não. O corpo é o sonho da alma. A alma, o sono do corpo.

O Menino Einstein achou, em seu coração, a solidão, embora totalmente enlaçado com um sentimento de amor profundo à humanidade que o assustava, mas, estranhamente, alimentava nele os sonhos mais intensos que um ser pode experimentar. *Testei o homem. É inconsistente*, disse. Não há espaço para o ódio sob as asas dessa borboleta da evolução. Aliás, só um: *A pior das instituições gregárias se intitula exército. Eu o odeio. Se um homem puder sentir qualquer prazer em desfilar aos sons de sua música, eu desprezo este homem. Detesto com todas as forças o heroísmo obrigatório, a violência gratuita e o nacionalismo débil. A guerra é a coisa mais desprezível que existe. Preferiria deixar-me assassinar a participar dessa ignomínia. No entanto, creio profundamente na humanidade.*

Tal qual Einstein, da experiência humana, tomo algo na ordem do horrível: a escravidão do corpo e da alma. Sobre a colonização do povo negro, foram trazidos, para as Américas, mais de 15 milhões de pessoas escravizadas (CASHOMRE, 2000), desse número, 3,5 milhões vieram para o Brasil (BASTIDE, 1971). Diferentes formas de lutas em todo o mundo fizeram terminar, em 1850, o tráfico de escravos. No Brasil, em 1888, celebramos a abolição da escravatura. Apesar de expormos essa sádica história sobre o povo negro, hoje, conforme observamos no sensível trabalho de Lisa Kristine<sup>34</sup>, ainda temos mais de 27 milhões de escravos modernos. Lastimável!

Os sentimentos que permitiram que essa criança, do cabelo esbranquiçado que gostava de “dar língua”, estivesse sempre em estado de comoção diante da vida foram, na ordem relatada por ela, o bem, a beleza e a verdade. Aprendeu, para ser feliz, a desprezar as paixões irrisórias da humanidade: a riqueza, a glória e o luxo. Escreveu, na sua biografia:

Minha condição humana me fascina. Conheço o limite de minha existência e ignoro porque estou nessa terra, mas as vezes o pressinto. Pela experiência cotidiana, concreta e intuitiva, eu me descubro vivo para alguns homens, porque o sorriso e a felicidade deles me condicionam inteiramente, mas ainda para outros que, por acaso, descobri terem emoções semelhantes a minha. E cada dia, milhares de vezes, sinto minha vida, corpo e alma, integralmente tributária do trabalho dos vivos e dos mortos. Gostaria de dar tanto quanto recebo e não paro de receber. Mas depois experimento o sentimento satisfeito da minha solidão e quase demonstro má consciência ao exigir alguma coisa de outrem. Vejo os homens se diferenciarem pelas classes sociais e sei que nada se justifica a não ser pela violência. Sonho ser acessível e desejável para todos uma vida simples e natural, de corpo e de espírito (EINSTEIN, 1981).

---

<sup>34</sup> Disponível em: [www.ted.com/talks/lisa\\_kristine\\_glimpses\\_of\\_modern\\_day\\_slavery](http://www.ted.com/talks/lisa_kristine_glimpses_of_modern_day_slavery).

O corpo é uma ilusão e o que resta de realidade é o que ele sonha. Que nossas almas sonhem como Einstein, Buda, Gandhi, Madre Tereza, Mandela, Chico Xavier, Dulce, Francisco de Assis, Cristo, ambos tocados por um amor profundo a Terra e à humanidade.

## BIBLIOGRAFIA

ABELHAUSER, Alain. O Corpo é Alma. In: **A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia**. V. 2. N. 2. 2010.

ANTELO, Marcela. O Corpo e Anima. In: **Agente: Acontecimentos de Corpo**. Ano XIV. N. 15. Nov-2013.

ALLAN, Allysson. Origem e Dispersão dos Humanos Modernos. In: **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

ÁVILA-PIRES, Fernando de. **Princípios de Ecologia Humana**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1983.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos Históricos da Ecologia**. São Paulo: Holos Editora, 1999.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1971.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya: 2013.

BASTOS, L. A. M. **Eu-corpando: O Ego e o Corpo em Freud**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

BATSON, Gregory. Os Homens São como a Planta. In: **Gaia: Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 2001.

BEGON, Michael. **Ecologia: De Indivíduos a Ecossistemas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOFF, Leonardo. **A Ética da Vida**. Petrópolis: Letraviva, 2000.

BRETON, David Le. **Antropologia do Corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CANETTI, E. **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CAPRA, F. **A Teia da Vida: Uma Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Botânica de Leonardo da Vinci: Um Ensaio Sobre a Ciência das Qualidades**. São Paulo: Cultrix, 2011.

CASHOMRE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Editora Escala, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Origem do Homem e a Seleção Sexual**. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUNKER, Christian Ingo Lenz, O Real e a Verdade do Sofrimento. In: **Cult: Jacques Lacan, o Sofrimento na Contemporaneidade**. Ano 15. Nov-2012.

EINSTEIN, Albert. **Como Vejo o Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FARIA, Fabiana Angélica Costa. O Corpo em Psicanálise: O Caso Schreber. In: **Horizonte Científico**. V. 5. N.2. 2011.

FREUD, Sigmund. (1915). Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIV.

\_\_\_\_\_. **Inibição, Sintoma e Angústia** [1926]. Obras Completas vol. XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GRATÃO, Marina da Silva. Primeiros Bípedes. In: **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

HAECKEL, Ernst. **A Origem do Homem**. São Paulo: Global, 1989.

HAWKING, Stephen. **Uma Breve História do Tempo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HEIDEGGER, M. **O Ser e o Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LACAN, Jaques. (1977). **Clôture des Journées. Les Lettres de l'École**, 1978, n° 22, p. 499-501.

\_\_\_\_\_. (1972-1973). **O Seminário, Livro 20, Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LÊDA, Guimarães. **Gozos da Mulher**. Rio de Janeiro: KBR, 2014.

LELOUP, Jean-Yves. **O Corpo e Seus Símbolos: Uma Antropologia Essencial**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 1989.

LOPES, Reinaldo José. Redescobrimo a Aventura Humana. In **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

MATURANA, Humberto R. **A Árvore do Conhecimento: As Bases Biológicas da Compreensão Humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MAREAN, Curtis W. A Espécie Mais Invasiva de Todas. In: **Scientific American Brasil**. Ano 14, N. 160. 2015.

MARGULIS, Lynn. Os Primórdios da Vida: Os Micróbios Têm Prioridade. In: **Gaia: Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 2001.

MARQUES, Juracy. **Ecologia da Alma**. Petrolina: Franciscana, 2012.

MÉNARD, Augustin. Quando o Hábito faz o Eu: O Corpo na Psicose. In: **Agente: Acontecimentos de Corpo**. Ano XIV. N. 15. Nov-2013.

MITHEN, Steven. **A Pré-História da Mente: Uma Busca das Origens da Arte, da Religião e da Ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MORAN, Emílio. **Adaptabilidade Humana**. São Paulo: Ed. USP, 1994.

MORIN, Edgar. **O Método 5: A Humanidade da Humanidade – A Identidade Humana**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MURRIETA, Rui Sérgio S. Neolítico: Domesticação e Origem da Complexidade Social. In: **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

NETO, Clóvis Monteiro. Origem e Dispersão do Gênero Homo. In: **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

NEVES, Walter Alves. **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Povo de Luzia: Em Busca dos Primeiros Americanos**. São Paulo: Globo, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

RIBEIRO, Marcelo. Psicologia Ambiental: Entre a Ecologia da Alma de Marques e a Dialógica Ambiental de Buber. In: **Ecologias Humanas**. Revista da SABEH. Ano I. N. 1. Outubro-2015.

ROONEY, Anne. **A História da Física**. São Paulo: M Books, 2013.

ROTH, Mark B. Suspensão da Vida. In: **Scientific American Brasil**. 2012.

SACKS, Oliver. **Sempre em Movimento: Uma Vida**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

SÁNCHEZ, Celso. **Ecologia do Corpo**. Rio de Janeiro: WAK EDITORA, 2011.

SHADYAC, tom. **I Am** (Documentário). Usa: 2012.

SHREEVE, Jamie. Mistério Humano. In: **National Geographic**. 2015.

TANKARA, Cinthia M. Os Neandertais. In: **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

TYSON, Neil de Grasse. **Origens: Catorze Bilhões de Anos de Evolução Cósmica**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

WILSON, Edward O. **A Conquista Social da Terra**. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

WONG, Kate. Mentis Neandertais. In: **Scientific American Brasil: Evolução Humana, A Mente Intrigante de Nosso Primo Neandertal**. Ano 13, N. 154. Março-2015.



## POSFÁCIO

Em maio deste ano, Juracy (re)des-cobriu os seus pés. Foi durante uma oficina de expressão corporal, ocorrida em Petrolina, com a professora de dança criativa espontânea Rosa Koshiba. Ele estava lá, assim como eu e outras pessoas que buscavam o mesmo (re)encontro com o corpo. Esse corpo que, sobretudo nós, os que trabalham quase que exclusivamente com o “gênio”, negligenciamos. O corpo que é uma festa, como lembra o escritor Eduardo Galeano, mas que nós o reduzimos, muitas vezes, à categoria de máquina, automaticamente sem alegria. Pois foi, justamente, numa festa que o corpo - e também a alma - de Juracy se transformou, ao (re)des-cobrir os pés.

Juracy também é Pedagogo. A palavra pé, *podós* em grego tem uma ligação com a palavra *paidós*, que significa *criança* e, somada ao termo *agogós* (*condutor*), descreve uma das mais belas e encantadoras profissões da humanidade: a Pedagogia. *Um Pedagogo é um especialista que cuida dos pés do ser humano, desde que cuidar dos pés de alguém significa cuidar da criança que está nele*<sup>35</sup>. Naquele dia vi o encontro de uma criança com seus pés.

Eles sempre estiveram lá, e alguma vez Juracy os “des-cobriu”. Talvez quando menino, pulando pelos chãos e serras jaguarienses. Mas o tempo e os trabalhos podem lhe ter feito esquecê-los. No dia em que ele retirou o invólucro que encobria essa região rasteira, houve a vontade incontrolável do cuidado. Os pés foram “cobertos”, agora, de amor.

---

<sup>35</sup> Jean-Yves Leloup (2014).

Início este posfácio com tal relato porque, ao ler “Ecologia do Corpo – Ecos da Alma”, sinto a força da redescoberta daqueles pés, bem como a consciência dos “ecos” que deles emanaram. Um deles é a lembrança de que essa parte do corpo não é um Outro, alheio a quem seja Juracy, mas ele próprio, com todas as suas experiências, o que inclui as “entradas” para dentro e para fora de si.

Nesta obra, que acabamos de ler, Juracy fala dos silêncios dos nossos corpos. Dos silenciamentos que permitimos, por razões inúmeras, conscientes e, especialmente, inconscientes, “falarem” mais alto. O silêncio que nos toma por temermos o encontro conosco, o confronto com o Outro. Além disso, ele nos atenta para o estraçalhamento de um corpo que não reconhecemos como sendo nós, mas como algo que nos serve para tentar agradar aos Outros. Os relatos de experiências clínicas, psicanalíticas, usados pelo autor, fazem-me recordar de um conto da escritora Marina Colasanti, intitulado “Para que ninguém a quisesse”<sup>36</sup>, o qual, fazendo jus ao título, apresenta um homem que exigiu da mulher a exclusão de decotes, de saltos altos, de maquiagens e de cabelos longos, “queridos” por ela. Então, “esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair”<sup>37</sup>. Uma imagem corpórea foi construída pelos desejos, obsessivos, do Outro, que se sentia proprietário daquele corpo de mulher. Ao conseguir aniquilar não só os desejos dos outros homens, mas os seus próprios pela esposa, decidiu fazê-la voltar a ser como outrora. Entregou-lhe batom, seda, rosas... “Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido numa gaveta, esqueceu o batom e continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda”<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> In: COLASANTI, Marina. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Roco, 1986.

<sup>37</sup> COLASANTI, 1986, p. 111.

<sup>38</sup> COLASANTI, 1986, p. 112.

Duas interpretações, a meu ver, são possíveis: ela conseguiu “perder o corpo próprio”, tornou-se “uma casca vazia”, como sinalizou Lêda Guimarães, no texto de Juracy, ou, enxergou que estava cega e, não mais cedendo aos desejos caprichosos do parceiro, encontrou-se no que se tornara – ou naquilo que era e não sabia, pois estava, talvez, mais preocupada em usar decotes, saltos e batons para agradar homens como o que se casara do que para sentir-se autorrealizada -. Opto pela última compreensão, neste momento, tomada pelas possibilidades que “Ecologia do Corpo – Ecos da Alma” põe à nossa frente. Prefiro acreditar que a mulher não aceitou mudar, novamente, por estar guiada pelo “poder de escolha”, e não por estar suficientemente devastada para não conseguir. Ela nasceu da lama, como a flor de lótus mencionada por Juracy.

O livro, portanto, desperta-nos para um corpo que não se dissocia da alma, na composição do Ser. Assim como considera o Budismo, tão bem recordado pelo autor, o autoconhecimento resulta das complementariedades exercidas pelo corpo e pela mente; pelo corpo e pela alma. Rememorando as palavras de Juracy, “Corpo e Alma são dois lugares, ao mesmo tempo, um”. Por isso, creio que foi a alma que o escritor avistou, naquele momento em que (re)des-cobriu os seus pés.

**Edilane Ferreira**

Às margens do rio São Francisco, 14 de outubro de 2015





Na história dessa bela ciência, destacou-se o estudo das formas de relações de animais não humanos e das plantas com a natureza. Gradativamente, a espécie humana vem tendo destaque nos estudos da Ecologia, particularmente com a criação do campo da Ecologia Humana, nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, mesmo o humano já inserido em suas preocupações científicas é tomado como um organismo biológico estranho em si mesmo. Negam-se suas mais complexas dimensões simbólicas atreladas às suas existências no campo do corpo e da alma.



Sociedade Brasileira  
de Ecologia Humana